

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

**NILISMO E SUPERAÇÃO NO PENSAMENTO DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

SELMA REGINA NÓBREGA DE ALBUQUERQUE

MIGUEL ANTÔNIO DO NASCIMENTO
Orientador

JOÃO PESSOA-PB
2007

SELMA REGINA NÓBREGA DE ALBUQUERQUE

**NILISMO E SUPERAÇÃO NO PENSAMENTO DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Dissertação de mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
mestre em filosofia, pela Universidade Federal
da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Miguel
Antônio do Nascimento

**JOÃO PESSOA-PB
2007**

**À Cleonice, Clara e Carol,
tudo só é por causa delas.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Antônio do Nascimento
Programa/ IES:

Prof^a. Dr^a. Fernanda Bulhões
Programa/ IES:

Prof. Dr. Paulo de Tarso
Programa/ IES:

Data da Defesa: ___/___/___

AGRADECIMENTOS

A Miguel Antônio do Nascimento pela sensível e valiosa orientação.

À minha família pela paciente compreensão.

Aos colegas e amigos da Universidade Salgado de Oliveira (Maria, Grazia, Rosemary, Simone Machado e Paulinha) pelo incentivo e ajuda.

À amiga que a Filosofia me concedeu, mestra Virgínia França pelas dicas e sugestões.

À Marta Perrusi por ter me iniciado nas leituras nietzschianas

Ao amigo José Tadeu

Ao companheiro Dayvson Vilela

Aos que fazem o Departamento de Filosofia da UFPB porque sempre me acolheram com carinho e atenção.

Filosofia, como até agora a entendi e vivi, é a voluntária procura também dos lados execrados e infames da existência. Da longa experiência que me deu uma tal andança através de gelo e deserto, aprendi a encarar de outro modo tudo o que se filosofou até agora...Cada conquista do conhecimento decorre do ânimo, da dureza contra si...Uma filosofia experimental, tal como eu a vivo, antecipa experimentalmente até mesmo as possibilidades do niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, em uma vontade de não.Ela quer em vez disso, atravessar até ao inverso _ até um dionisíaco dizer- sim ao mundo, tal como é, sem desconto, exceção e seleção.

F. Nietzsche

RESUMO

A presente dissertação pretende abordar o tema do niilismo no pensamento de Nietzsche e mais precisamente a questão da superação frente ao problema. O nosso intuito também foi o de saber se o próprio filósofo conseguiu tal proeza. Primeiramente nos interessamos em saber quais teriam sido as influências históricas que o filósofo teria sofrido para então a partir delas empreender o seu próprio discurso. Posteriormente tratamos dos conceitos importantes referentes ao tema, como por exemplo, a morte de Deus. A morte de Deus é considerada pelo filósofo, na modernidade, o acontecimento primeiro em direção a superação, mas entende que tal acontecimento embora seja condição necessária, não é condição suficiente. Por não ser condição suficiente investigamos também o que ele caracterizou como sendo tentativas de adaptação ao mundo sem Deus. Essas tentativas teriam sido sempre fracassadas e sabotadas, inclusive por toda a modernidade, período que deveria no entanto, ser o momento de uma ruptura mais efetiva em relação aos antigos ideais. Por fim, investigamos a questão da superação ou não do próprio filósofo assim como da efetivação do Super-homem, aquele que seria o porta bandeira de uma nova forma de viver e de pensar.

Palavras-Chave: Superação, Niilismo, Morte de Deus, Super-Homem

ABSTRACT

In the presented dissertation is approached the Nihilism theme on Nietzsche's thought, including its overcoming matter. Firstly, to deal how to know what could be the historical influences that could Nietzsche had suffered in order to understand his own speech about the theme. To deal then the main concepts related to the Nihilism theme, which highlights "The Death of God" and its relation to modernity, the meaning of the event in direction to the Nihilism overcoming.

Facing the polemic related to the fact of considering or not the Nietzscheism overcoming of Nihilism opted to investigate what Nietzsche described as world's adjustment attempts without need of god.

These attempts would be always useless and sabotaged, including to all modernity, period that would however, the moment of the most effective rupture relating to old ideals. To give an account the investigation of possibilities and effectuation of superman, the one who would be the bearer of the new way of living and thinking.

Keywords: Nietzsche - Overcoming - Nihilism - Death of God – Superman.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – O Tema do Nihilismo.....	14
1.1 Nietzsche e seu Tempo.....	18
Capítulo 2 - A Morte de Deus.....	32
Capítulo 3 - Adaptação e Recaídas.....	49
Capítulo 4 - Superação.....	61
4.1 Super-Homem: Uma exigência ou uma realidade.....	71
Considerações Finais.....	93
Referências.....	95

INTRODUÇÃO

Ao investigarmos, talvez a mais cara questão da filosofia nietzschiana, nos colocamos a questão capital frente ao tema do niilismo qual seja: a de saber se é possível superar este fenômeno que segundo o filósofo, nasceu como consequência de uma interpretação moralista do mundo. O platonismo teria sido o instaurador de tal visão, inaugurando o que Nietzsche chamou de a mais longa e difícil doença de cura.

A crítica de Nietzsche aos valores tradicionais e suas respectivas consequências goza ainda hoje de uma inquietante atualidade. Isto porque o seu autor demonstra que a origem dos valores está vinculada a uma concepção de moral que é classificada como moral de mestre e moral de escravo. Nesta concepção passa a se configurar uma oposição entre os valores dos mestres representados por aqueles que afirmam a vida diante de seu aparente caos, e os valores dos escravos, aqueles que não agem, mas apenas reagem desviando a sua vontade de poder. O valor do mestre demonstra uma atitude de afirmação diante da vida, uma aceitação incondicional de seus contrastes e absurdos e; principalmente, uma atitude de força e enfrentamento diante do sentido que não é externo mas criado, construído. O filósofo defende que esta postura diante das incongruências da vida é capaz de superar inclusive o estado de niilismo que deixa de ser passivo para tornar-se ativo. A moral dos escravos surgiu para contrapor-se aos valores aristocráticos; o ressentimento é uma das

reações dos servos frente aos valores erigidos pelos aristocratas. Tais postulados nos servem para medir a influência que a possibilidade da transvaloração tem ainda causado nas crenças e atitudes dos sujeitos contemporâneos.

Assim, consideramos importante o estudo de tais conceitos à luz da crítica de Nietzsche à metafísica enquanto sistema criador de valores, pois estes servem a uma reflexão sobre os princípios normativos tradicionais e o comportamento dos indivíduos. Podemos afirmar que a crítica de Nietzsche aos valores tradicionais tem se constituído como uma das mais rigorosas formas de defesa da vida contra o pensamento que aprisiona os princípios vitais constitutivos de todos os seres humanos; além da necessidade premente, da nossa contemporaneidade de manter a discussão que diz diretamente respeito ao homem e a sua faticidade. Esta é a razão pela qual julgamos importante explorar tal tema.

Nosso percurso metodológico consistiu inicialmente na análise das obras relativas à exploração de nosso tema (*Crepúsculo dos Ídolos, Genealogia da Moral, Assim Falou Zaratustra, A Gaia Ciência e Fragmentos Póstumos*). Outras obras do autor foram usadas paralelamente. Aos dados colhidos desses escritos foram acrescentadas as idéias e interpretações coletadas dos comentadores nacionais e internacionais do pensamento nietzschiano (Eugen Fink, Heidegger, Claudemir Luís Araldi, Franco Volpi, Osvaldo Giacóia, etc.) a fim de que pudéssemos balizar nossa compreensão com a dos citados especialistas. Após a organização e sistematização dos conceitos fundamentais elaboramos o texto propriamente dito. Nossa pesquisa teve caráter teórico-especulativo cujo percurso exploratório orientou-se com base nos textos, artigos e livros escritos por Nietzsche acerca da referida temática e dos comentadores de sua filosofia.

Neste sentido, no primeiro capítulo julgamos necessário primeiramente buscarmos na história as influências que o filósofo teria sofrido de um passado que lhe era próximo,

pois ao adentrar na compreensão e problematização do niilismo Nietzsche não o faz a princípio de forma isolada ou apenas como simples especulação filosófica, mas a partir do clima espiritual no qual esteve inserido em sua época, pois estava atento à crise e as inquietações modernas, considerando as reflexões acerca do tema acontecendo já em vários pensadores do final do século XVIII e XIX.

No segundo capítulo tratamos da Morte de Deus, acontecimento fundamental para a explicação e esclarecimento do tema. O anúncio da morte de Deus significou em Nietzsche que a verdade estava morta, estava abandonada a confiança em qualquer valor metafísico que a assegurasse. Este acontecimento significou mais precisamente o fim dos valores tradicionais, o desaparecimento dos valores absolutos, das essências e do fundamento divino. Por entender que o acontecimento da morte de Deus foi sabotado e não aceito pela modernidade apresentamos no terceiro capítulo o que Nietzsche caracterizou como sendo as tentativas de viver longe e desamparado por esses fundamentos. Isto teria levado o homem a recaídas recorrentes em novas abordagens que estariam ainda enredadas nos mesmos e antigos ideais.

O quarto e último capítulo pretende apresentar o projeto nietzschiano da transvaloração dos valores como alternativa frente a uma leitura moralista do mundo. Esta leitura moralista teria causado o niilismo. O Super-homem seria aquele que deveria surgir para empreender e efetivar tal projeto, que é fundamentado na aceitação da vida como ela é. O mundo, a vida, não tem sentido a priori, esse sentido deve ser construído e instaurado pelo próprio homem. Na perspectiva da filosofia nietzschiana o homem pode escolher entre dois caminhos: o da aceitação da vida como ela é, necessitada de organização e criação de sentidos, ou a negação que se dá por uma revolta a essa falta de sentidos pré-fixados.

CAPÍTULO 1

O TEMA DO NIILISMO

*Imerso na imensidão infinita
dos espaços que ignoro e que me ignoram, eu
me apavoro. Pascal*¹

O tema do niilismo é fruto da maturidade do pensamento nietzschiano. O filósofo se ocupará particularmente do tema em seus *Fragmentos Póstumos* publicados à partir de 1880. Além deles, podemos acompanhar o desenvolvimento da questão nas obras publicadas a partir de 1881 como *Aurora*, *A Gaia Ciência*, *Assim Falava Zaratustra*, *Para Além de Bem e Mal*, *Genealogia da Moral*, *O Anticristo* e *Crepúsculo dos Ídolos*. Embora nas citadas obras a investigação não se dê de forma conceitual e característica como encontramos nos *Fragmentos Póstumos*, podemos perceber uma preocupação do filósofo em interpretar a história ocidental como um processo niilista. Ao longo de seu pensamento, o tema passa a ser considerado como um problema capital que vai perpassar todo o

¹ Blaise Pascal, 1626-1662. Foi filósofo, físico e matemático francês de curta existência – como filósofo e místico fez uma das afirmações mais pronunciadas nos séculos posteriores, *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção.

conjunto de sua obra, na medida em que será explicação para muitos comportamentos e posturas ao longo do tempo.

A tentativa de esclarecimento e explicação do fenômeno do niilismo passa sempre por uma mesma questão, qual seja: a desvalorização dos valores supremos como por exemplo, Deus, verdade, unidade, finalidade, valores que sustentavam uma visão de mundo.

Tais conceitos são encarados como metafísicos e execrados pelo filósofo porque pressupõem a idéia de uma substância ou essência permanente, que seria responsável pelo ordenamento do mundo, não reconhecendo o devir como a única realidade. A idéia de um mundo entendido como criação de um Deus, para Nietzsche, só é compreensível a partir da necessidade moral humana. Parece muito estranho ao filósofo que o condicionado seja causado pelo incondicionado, não deveria ser o contrário? O homem sofria do problema do seu sentido, e qualquer sentido foi melhor que nenhum sentido. É assim que o mais vazio é posto como o primeiro e causa de tudo. Portanto,

o ser, o incondicionado, o bem, o verdadeiro, o perfeito. Nenhum deles pode ter experimentado o vi-à-ser, conseqüentemente todos precisam ter uma causa sui...é assim que eles descobrem seu conceito estupendo de "Deus" ²

A conclusão do filósofo é que, ao longo da história, a humanidade pagou muito caro por isso. Desaparecida ou desmascarada a falsidade de tais conceitos como meras criações advindas de necessidades humanas, perde-se o chão, antes aparentemente seguro.

² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos Ídolos* ou como filosofar com o martelo. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000 p.128.

*Nihilismo é então o tomar consciência do longo desperdício de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de ocasião para se recrear de algum modo, de ainda repousar sobre algo_ a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse enganado por demasiado tempo*³

O projeto filosófico nietzschiano é amplo, mas, o que parece movê-lo mais profundamente é a condição do homem no mundo; este seria o motor de onde provém toda a força. Isto se torna claro pela sua forma de crítica. Quando ele despreza a metafísica, por exemplo, não deseja corrigi-la, não faz demonstrações, mas parte de algo que julga anterior, pergunta porque o homem precisa de metafísica; a mesma não é encarada de um ponto de vista ontológico, mas do valor, portanto moral; sendo moral é da perspectiva humana, psicológica e existencial que os problemas são considerados. Neste caso, é preciso deixar claro, em primeiro lugar que a sua crítica

*não proveio de um racionalismo, que considera insuficiente a questão ontológica da metafísica e que pretende ultrapassá-la porque ela não coloca o problema do ser de uma maneira verdadeiramente decisiva ...ele coloca a metafísica na ótica da vida. As idéias metafísicas do ser são iluminadas uma após outra...de maneira a deixarem ver os seus valores de sintoma.*⁴

O estabelecimento da distinção entre aquilo que aparece e a coisa em si, que está no início da metafísica platônica, é para o filósofo um sintoma evidente de uma vida que enfraquece. Por se sentir inseguro o homem precisou acreditar que a sua vida advém de um projeto, que tem finalidade. O que dá base e fundamento ao nihilismo é a negação da vida mesma, em nome de uma outra vida. É assim que o nihilismo se configura e ganha peso. A estrutura psicológica humana será alvo de minuciosa observação. A preocupação com a situação do homem no mundo, além de ser

³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 p.380.

⁴FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche* 1 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988 p.15.

filosófica é também pessoal. É conhecido o fragmento no prefácio de *Ecce Homo*, para não dizer em tantos outros espalhados em suas obras, a afirmação de que busca tudo o que é estranho e questionável no existir, e ainda faz um desafio: quer saber *quanta verdade suporta, quanta verdade ousa um espírito*. É da constatação de que o homem não suporta sua verdade mais dolorosa que o filósofo sustenta sua argumentação. Por não suportar ser filho do acaso, o homem cria para si ultramundos, não suporta ser uma passagem, sem finalidade a priori, quer ser eterno.

O homem afetado pelo niilismo, pode ser comparado a um andarilho que caminhando numa área congelada, de repente, com o degelo, se vê surpreendido pelo chão que começa a se partir em mil pedaços.⁵ O homem afetado pelo niilismo tem muitas perguntas e sabe que precisa construir agora novas respostas. É este o sentimento do homem louco quando anuncia a Morte de Deus. Desatada a terra do seu “sol” que era o supra-sensível enquanto verdade, para onde se move ela agora? Para onde nos movemos dentro dela? Soltos e desgarrados não caímos constantemente em direção a um nada infinito? Estas são as indagações de peso que norteiam a temática do niilismo em Nietzsche.

No entanto, ao adentrar na compreensão e problematização do niilismo, ele não o faz a princípio, de forma isolada mas a partir do clima espiritual no qual está inserido em sua época. Está atento à crise e às inquietações modernas, considera as reflexões acerca do tema ocorrendo já em vários pensadores do final do século XVIII e XIX.

⁵ Analogia feita por Franco Volpi em seu livro *O Niilismo*. Trad. Aldo Vannucci. São Paulo: Loyola, 1999.

1.1 Nietzsche e seu tempo

O niilismo, como sabemos, já vinha sendo discutido em diversos seguimentos da sociedade, como na literatura, nas ciências, na política, na filosofia e nas artes. Em relação a esse contexto histórico do niilismo, Franco Volpi, em sua obra *O Niilismo*,⁶ e também Claudemir Luís Araldi, em sua obra *Niilismo, Criação e Aniquilamento* nos permitem percorrer uma linha do tempo, que vai de Pascal ao existencialismo, mostrando como o tema surgiu e foi sendo tratado, e quais eram suas peculiaridades como conceito e como problema em diversos autores, em seus respectivos contextos históricos.

Podemos ver então que, em seus caracteres mais gerais, Nietzsche sofreu influência daquele contexto histórico, relativamente ao que estabeleceu como niilismo em seu pensamento. Queremos dizer que, se a partir de um certo momento ele toma para si, com todo vigor o enfrentamento da superação do niilismo, o faz até certo ponto, movido pelos acontecimentos e principalmente pela forma como percebe a utilização e vivência de seus contemporâneos com o fenômeno que já pulsava por toda parte. Isto decerto contribuiu imensamente para a sua reiterada intenção de transvalorar valores.

⁶A obra *O niilismo* do filósofo italiano contemporâneo Franco Volpi é uma das poucas obras literárias que trata diretamente do niilismo como fenômeno. A obra pesquisa, faz citações e elucidaciones sobre o histórico do niilismo pelo mundo, sobretudo na Alemanha, Rússia e França. Wikipédia –acesso em 25/ 02/ 07

Etimologicamente, niilismo vem do latim nihil e quer dizer nada. Neste caso, seria o pensamento obcecado pelo nada. Seria este o motivo da tentativa de localizar traços niilistas desde os primórdios da filosofia ocidental, por exemplo, com Górgias e a sua categórica defesa de que nada existe, se algo existisse, não o poderíamos conhecer e, se o conhecêssemos, não seria no entanto, comunicável.

Embora só neste século o niilismo tenha se propagado como problema, com toda virulência e amplidão, a palavra em si aparece já nas controvérsias que marcaram o nascimento do idealismo alemão, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Claudemir Luís Araldi em citação de Muller Lauter⁷ descreve o uso do termo também neste período com o Pöggeler, no texto *Hegel und die Anfänge der Nihilismus-Diskussion*. No texto, o idealismo transcendental incondicionado era encarado como niilismo. Neste sentido a palavra é empregada para caracterizar a operação filosófica pela qual o idealismo pretende anular na reflexão o objeto do senso comum, para mostrar como ele não passa do produto de uma atividade invisível e inconsciente do sujeito.

Jacobi acusa o idealismo de ser um niilismo, inaugurando assim a significação filosófica do termo, combate como niilismo e como ateísmo à forma pela qual se introduz Deus na reflexão filosófica, de Spinoza a Fichte, até Shelling, fazendo-o objeto de argumentação, ou seja, de um saber discursivo, dialético e racional. Deixa de ser o absoluto puro e simples que só um entendimento direto, intuitivo, poderia atingir.

⁷ Araldi, Claudemir Luís. *Niilismo, Criação e Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso editorial, 2004 p. 49.

Daniel Jenisch, autor quase desconhecido também do período romântico,⁸ usa o termo segundo provas documentais, apresentadas por Volpi, mesmo antes de Jacobi. Fala de niilismo diversas vezes em seu tratado *Sobre o fundamento e o valor das descobertas do professor Kant em metafísica, moral e estética*. Defensor de um idealismo relativo, Jenisch interpreta o idealismo kantiano não em sentido absoluto, mas em sentido crítico, como nosso intelecto não é arquetípico, mas ectípico, isto é, finito, não se pode eliminar a coisa em si.

À época de Jacobi, Friedrich Schlegel e Jean Paul,⁹ também tratam da questão do niilismo. Se em Schlegel o sentido do termo muda nas diferentes fases do seu pensamento, em Jean Paul se dá o contrário, usa o termo com muita precisão e clareza. Criador do personagem Roquairol, uma das mais expressivas figuras de niilista da literatura alemã; Jean Paul critica os que ele chama niilistas poéticos, a saber os românticos. Estes vêem somente a arte, não a natureza. Embriagados no próprio eu, profundamente egoístas, vivem apenas celebrando o livre jogo da fantasia, ou seja, a atividade espontânea do eu criador, esquecendo o não eu, a natureza toda, o universo inteiro, até mesmo Deus que acabam por anular. Mas quando, como se fosse um sol se pondo, Deus também desaparece e se esvai para uma época, aí o mundo inteiro cai na escuridão.

⁸ Indica-se com esta expressão o movimento filosófico, literário e artístico que começou nos últimos anos do séc. XVIII, teve sua floração mais rica nas primeiras décadas do séc. XIX e constituiu a marca específica desse século. O significado corrente do termo “romântico” que significa sentimental deriva de um dos aspectos mais evidentes do movimento romântico, isto é, do reconhecimento do valor que foi por ele atribuído ao sentimento. Uma categoria espiritual que a antiguidade clássica havia ignorado ou desprezado, e que o século XVIII, iluminista, havia reconhecido na sua força e que no Romantismo adquiriu valor preponderante. ABBIAGNANO, Nicola. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

⁹ Jean Paul 1763-1825. Dedicou sua vida ao estudo da literatura. Devido ao seu estilo satírico, de início suas obras não foram bem aceitas, no entanto posteriormente seu pensamento foi reconhecido pelos melhores críticos da época. Ao longo de sua vida escreveu uma série de obras, entre as mais importantes está o *Vale de Campan* de 1797. A sua produção lhe rendeu ao final de sua vida um lugar de destaque na literatura.

Vejamos uma passagem significativa onde Jean Paul revela sua desesperada e radical visão da realidade, indissolúvelmente comprometida com o nada.

Em *Noturnos de Boaventura*¹⁰, obra exponencial do niilismo romântico de autor anônimo esse tom niilista foi retomado. O livro todo expressa o compromisso com o nada. *...Viver consiste, afinal, num morrer ininterrupto. Quero fixar-me, furiosamente, no Nada e irmanar-me a ele e perder todos os resíduos humanos quando ele me agarrar!*

Franz Baader, único pensador católico do período romântico toma para si o compromisso de combater o que ele caracterizou como um niilismo científico destrutivo. Caberia então ao catolicismo combater a tendência à desconsideração das autoridades, tanto no plano da religião quanto da política. Nesta mesma linha de pensamento está Juan Donoso Cortés, representante maior dos conservadores anti-revolucionários; acusa de niilistas os socialistas franceses, principalmente Proudhon.¹¹ Para Donoso o niilismo não passa de uma das muitas formas perversas de manifestação de um racionalismo destrutivo, e deve ser combatido com todo rigor. Deísmo, panteísmo, humanitarismo, maniqueísmo, fatalismo, cepticismo, ateísmo, deve ser denunciado e combatido por levar a negação do governo divino e humano.¹²

O niilismo é aqui identificado com a dissolução das verdades sagradas, ou seja, com a destruição das orientações e regras tradicionais em sua função de coesão social. A causa desse niilismo é identificada na prática descontrolada da racionalidade da ciência.¹³

Podemos perceber neste momento histórico, estando o niilismo a pulsar por toda parte, que

¹¹ Pierre –Joseph Proudhon 1809-1865. Foi um anarquista francês cuja influência é sentida até os dias de hoje. Foi um dos que propôs uma ciência da sociedade. Em seu ensaio *O que é a propriedade* ele afirma que a propriedade é o roubo. Em seu livro *Les conficionsessions dun révolutionnaire* ele afirma: A anarquia é a ordem.

¹² Donoso citado por Volpi, p.28.

¹³ Idem, ibidem, p.27.

ora ele é tratado de forma estritamente filosófico especulativa, ora é tratado na esfera social e política. Na esfera social e política o niilismo é entendido como comportamento daquele livre pensador, contrário a todos os pressupostos, preconceitos e condições estabelecidas, e por isso mesmo a todo e qualquer valor tradicional, antecipando, pois, o niilista anárquico-libertário, de intensa representatividade nos últimos decênios do século XIX. No entanto, já no fim do século XVIII, o emprego da palavra neste sentido de análise e crítica social, já fora empregada por Jacobi. Na França eram chamados de niilistas aqueles que não eram nem contra nem a favor da revolução. Não será mero acaso que, precisamente nesta época, surja o pensamento do Marquês de Sade¹⁴ pensamento considerado como uma das formas mais radicais do niilismo ateu e materialista.

O termo niilismo em sua forma exata, nihilismus, teria sido empregado pela primeira vez em 1733, no título do tratado de F. L. Goetzius, *De nonismo et nihilismo in theologia*. Posteriormente a palavra é usada pelo crítico romântico N. I. Nadezdinem 1829...também M.N. Katkov usara o mesmo epíteto para criticar os colaboradores da revista *O Contemporâneo* como gente que não acredita em nada.

Todavia, a origem da idéia do niilismo, deve ser situada, segundo pesquisas de Arendt, (1974), Riedel (1978), Müller Lauter (1984),¹⁵ pelo menos em sua forma variante nihilianismus, em uso discutível por Agostinho, que teria taxado de niilistas os não-crentes. O termo aparece também na variante nihilianismus, numa obra de Valter de São Vitor. Na obra ele teria identificado a heresia cristológica dos que ensinavam ser a humanidade de Cristo mero acidente, porque o logos divino é eterno e não criado.

¹⁴Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814). Foi um aristocrata francês e escritor marcado pelo desprezo aos valores religiosos e morais. Muitas de suas obras foram escritas na prisão, resultado de seus escritos e de seu comportamento. Do seu nome surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro. Foi perseguido tanto pela monarquia (Ancien Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. Wikipédia.org/wiki/ Acesso em: 25/05/07

¹⁵VOLPI, op. cit, p.15.

A Turgueniev¹⁶, através de sua obra *Pais e Filhos* se deve a popularização do termo. Em *Pais e Filhos* Turgueniev apresenta Bazarov, representante de uma nova geração em conflito com a geração dos pais, inspirada nos ideais humanistas tradicionais. Bazarov é um jovem que defende uma vida sem ilusões e artigos de fé, é o tipo de pessoa que para Turgueniev vinha adquirindo força na realidade histórica de sua época. Seria o homem novo, o herói de seu tempo.

No entanto, a obra de Turgueniev provocou muitos protestos e retificações, o que precisava ficar claro, talvez, mesmo Turgueniev não o tenha deixado, é que a nova geração não era indiferente a todos os princípios, mas apenas aos antigos. Os princípios da nova geração agora, eram o positivismo e o materialismo.

Se quisermos estreitar a nossa contextualização, é preciso nos deter ao sentimento de estranhamento do homem moderno com a concepção da natureza como res-extensa, mero espaço vazio e matéria, da cosmologia moderna. Pascal teria sido o porta voz no despontar da modernidade da grande angústia humana, antecipa de longe a razão mais profunda do aparecimento do niilismo “*Imerso na imensidão infinita dos espaços que ignoro e que me ignora eu me apavoro*”.¹⁷

A solução encontrada por Pascal para amenizar a situação de abandono, em que o homem se encontrava, foi a defesa da idéia de que: se o homem não pode ter clareza e percepção da natureza de Deus, isto não poderia significar jamais, que ele não existisse e muito menos que não fosse o grande arquiteto do universo.

Se à época de Pascal, a idéia de um Deus que tudo ordena, embora não possa ser perceptível ao homem, foi o calmante possível, logo o seu efeito acabaria, pois esse Deus

¹⁶Ivan Turgueniev 1818-1883. Foi um dos mais importantes romancistas e dramaturgo russo.

¹⁷VOLPI, op. cit., p.16.

não tardaria a se eclipsar. Logo, o homem vivenciaria, com toda a intensidade possível, o sentimento de estar imerso num espaço infinito, abandonado a si mesmo.

A primeira teorização autêntica de uma posição filosófica que pode ser definida como niilismo, ainda que omitindo o uso desse conceito, foi a de Marx Stirner. Sua obra principal, *O Único e Sua Propriedade* é a expressão mais veraz do radicalismo de esquerda contra o hegelianismo. Defendendo as razões de uma revolta anárquico-libertária extremada, Stirner investe contra toda tentativa de atribuir à vida do indivíduo, um sentido que a transcendesse e que pretendesse representar suas necessidades, exigências, direitos e até mesmo sua imagem. E a essa indefinível entidade que cada homem é, atribui o nome de “O único”. Nos chama atenção a defesa de Stirner ao que parece se assemelhar bastante a idéia de tornar-se o que se é para Nietzsche. Essa falta de definição ou essência, do único, assim como em Nietzsche não significa uma afirmação do nada, mais a única possibilidade de criação do que pode ser. Vejamos trecho significativo de Marx Stirner

*Deus e a humanidade alicerçaram sua causa sobre nada, sobre nenhuma outra coisa senão eles mesmos. Da mesma forma, fundo também minha causa sobre mim mesmo, eu que, como Deus, sou o nada de qualquer outra pessoa, que sou o meu tudo, eu que sou o único(...) não sou nada no sentido de vazio, mas o nada criador, o nada a partir do qual eu mesmo, como criador, tudo crio.*¹⁸

A obra *O Único* foi publicada no mesmo ano e mês que Nietzsche nasceu, outubro de 1844. Stirner faz em seu livro, uma crítica arrasadora contra o jovem hegelianismo, acusa Feuerbach e Bruno Bauer de, embora terem conseguido emancipar-se do sistema totalizante de Hegel, terem ainda e mesmo assim permanecido no ‘circulo mágico do pensamento cristão’. E conclui “*Nossos ateus são pessoas devotas*”.¹⁹ A mesma crítica

¹⁸STINER, citado por Volpi,1999,p.34

¹⁹ LASKA, Bernd ^a Marx Stirner, um dissidente que resiste ao tempo. Disponível em: www.lsr-project.de/poly/ptinnuce.html. Acesso em: 16/02/2007.

Nietzsche dirigirá a Kant, Hegel e a ciência moderna, como veremos no capítulo Adaptação e Recaídas. Quanto a saber da real influência de Stirner sobre Nietzsche, de fato, foram feitas comparações entre os enunciados de Stirner e os de Nietzsche. Elas demonstraram que Stirner foi e não foi precursor de Nietzsche. Levantou-se a questão de determinar se Nietzsche conhecia ‘O único’. Também esta questão teve respostas negativas e positivas, impedindo que se tirassem conclusões a respeito.²⁰

No entanto, é com o pensamento russo do século XVIII que o niilismo tornou-se fenômeno generalizado, impregnando toda a atmosfera cultural da época. Isto se deu não apenas pela teorização de diversos pensadores acerca do tema, mas pelo fato de o termo ter sido vinculado a movimentos de rebelião social e ideológica, indo além dos debates filosóficos. Mas, se o pensamento russo foi capaz de desencadear movimentos anarquistas e libertários em busca de uma transformação, envolvendo-se numa revolta anti-romântica e antimetafísica, contestando a autoridade e a ordem vigentes, o movimento russo foi com frequência mais dogmático e rebelde do que crítico e céptico. Convencidos do imperativo de negar a qualquer preço, renegava assim o passado e condenava o presente, incapaz, porém, de abrir-se a uma configuração concreta e positiva do futuro.

Decisivos para difundir o niilismo são também dois autores muito jovens, Nicolai Dobroľjubov (1836-1861) e Dimitri I Pisarev (1840-1866) ambos falecidos com menos de trinta anos. Nicolai colaborava na revista o *Contemporâneo*, criticava o conservadorismo da nobreza acomodada e promoveu um radicalismo democrático e progressista. Quanto a Pisarev, crítico de arte, assumiu o papel do niilista popularizado por Turgueniev. Mas, o mais importante dos niilistas dos anos 1860 foi Nicolai G Tchernychevski, estudioso de economia e defensor de um rigoroso materialismo. Seu romance de agitação social (*Que*

²⁰Idem, *ibidem*, 2007.

fazer?), escrito na prisão, foi um grande sucesso de público, constituindo-se num dos principais manifestos do niilismo russo. Propunha-se aí novas formas de vida, marcadas pela abolição das convenções e das tradições, por um comunitarismo oposto a todo e qualquer sentimento de posse, pela emancipação da mulher e pela dedicação as causas populares. Todavia, o movimento deste período logo feneceu. Dobroljubov e Pisarev morreram prematuramente e Tchernychevski foi preso com trinta e quatro anos e libertado pouco antes de sua morte. Contudo, o ideário niilista continuou inflamando a juventude, embora sem resultados concretos. Nos anos seguintes multiplicaram-se ruidosos processos, com condenações e deportações em massa.

Na exacerbação geral dos contrastes sociais, surgiu o movimento da “vontade do povo” cuja bandeira era extinguir o símbolo do poder. Após uma série de atentados em 1881, o Czar Alexandre II era eliminado pelas bombas dos narodnovoliki. Sobreveio a mais violenta repressão sendo nela capturado o extremista Serguei²¹, autor de o *Catecismo do Revolucionário*. Esse jeito radical de conceber a ação revolucionária recusado por Aleksandr I. Herzen²² foi compartilhado por Mikhail A Bakunin²³ que, segundo certos autores, teria sido inspirador e talvez até co-autor do Catecismo.

Quanto a Herzen, sua crítica visava aos “budistas da ciência”, parados na contemplação, num tempo que reclamava atividade. Contrário a todo tipo de

²¹Serguei Netchaiev (1847-1882) foi estudante da Universidade de São Persterburg. Aos vinte e dois anos publica o pequeno manifesto intitulado o *Catecismo do Revolucionário* em parceria com Mikhail Bakunin. Serguei foi condenado a vinte e cinco anos de prisão morrendo após doze anos de reclusão. O moderno terrorismo é comumente associado a estes movimentos e escritos. WWW.midiasem.mascaras.com.Br. Acesso em 25/05/07.

²²Alexandr Ivanovich Herzen – 1812-1870. Conhecido como o pai do socialismo russo, promoveu também o individualismo. Sua carreira literária começou em 1842, seus escritos foram publicados em Londres e Paris. Mas foi como escritor político, no entanto, que ganhou reputação vasta.

²³Mikhail Aleksandrovitch Bakunin 1814-1876 Começou sua atividade política, criticando a filosofia especulativa e preferindo a ação política. Conheceu Karl Marx e Proudhon. Fundou em 1868 a aliança internacional da democracia social e queria fazer a união com a associação internacional de trabalhadores na qual disputou a liderança desta última com Karl Marx, mas em 1872 acabaram se desentendendo no Congresso de Haia.

conservadorismo, foi ele o teórico principal do populismo, mas discordando do terrorismo de Netchaiev e do extremismo revolucionário de Bakunin, marcou sempre sua luta pela moderação. Herzen se destaca, por entrevê no niilismo a lógica da transformação, sentido que, vale lembrar, também Nietzsche dará, saldando-o como movimento positivo. Vejamos ilustrativa passagem que nos revela isto:

*O niilismo é a lógica sem restrições, a ciência sem dogmas, o respeito incondicional, à experiência e a aceitação humilde de todos os seus efeitos, desde que brotados da observação e reclamados pela razão. O niilismo não transforma algo em nada, mas demonstra que o nada, transformado por alguma coisa, é uma ilusão de ótica e que toda verdade, ainda que desfaça representações fantásticas, é mais saudável que elas e sempre obrigatória. Tanto faz se esse termo é apropriado ou não. Estamos habituados a ele; amigos e inimigos aceitam-no; para a polícia é uma senha; transformou-se numa denúncia, ultraje para um, elogio para outros.*²⁴

Uma outra passagem é ainda mais ilustrativa para percebermos como Herzen antes de Nietzsche percebe também o perigo do niilismo como sentimento paralisante, incapaz de promover qualquer criação. Evidentemente, se por niilismo entendermos o inverso da criação, ou seja, a redução dos fatos e das idéias a nada, numa desesperança que leva à inércia, nesse caso os verdadeiros niilistas jamais se encaixarão nessa definição.²⁵ Herzen então sinaliza para a necessidade de não se ater, no que Nietzsche chamará posteriormente de niilismo passivo, sinalizando do mesmo modo a necessidade da criação em detrimento da inércia.

Além de influenciado por todo esse contexto, foram também decisivas as leituras que ainda jovem, Nietzsche fizera de Schopenhauer e de alguns expoentes da escola do pessimismo, sobretudo Eduard Von Hartmann, Julius Bahnsen e Philipp Mainlander. Franco Volpi descreve bem estas influências, e adverte em que medida a reflexão

²⁴ Herzen citado por Volpi, 1999, p. 40.

²⁵ idem, ibidem, p.40.

Schopenhaueriana sobre o nada, mesmo prescindindo do conceito de “niilismo” inspirou o enfoque desse fenômeno por Nietzsche. É certo que o filósofo considera o pessimismo Schopenhaueriano e a dissolução no nada que ele alimenta como um tipo de niilismo passivo que representaria neste caso o exemplo da vivência do niilismo como sinal de fraqueza, porque o niilismo passivo é aquele que inviabiliza qualquer transvaloração e superação. Deve-se considerar o mesmo em relação à filosofia do inconsciente de Eduard Von Hartmann; do pessimismo da contradição de Julius Bahnsen _ que qualifica a própria filosofia como niilismo e define o homem como “*um nada consciente de si*” e da “metafísica” da entropia de Philipp Mailänder, para quem a criação do mundo e a evolução representam uma espécie de “autocadaverização de Deus”.

Também influenciariam o filósofo as leituras de Paul Bourget e Dostoievski. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, fala da sorte de ter conhecido o pensamento de Dostoievski, o considera um homem profundo e o único psicólogo do qual teve algo a aprender...*Ele pertence aos mais belos casos de sorte de minha vida.*²⁶ Isto certamente se deve a percepção de Nietzsche que com as obras de Dostoievski o cenário do niilismo se abre com toda amplitude e profundidade. Escritor universal, Dostoievski influenciaria não só a Rússia, mas toda a literatura européia, sobretudo com *Crime e Castigo* (1863), *Os demônios* (1873) e *Os Irmãos Karamazov* (1879). Com estas obras, antecipa experiências marcantes do pensamento do século XIX, com destaque para o ateísmo e o niilismo. Segundo Volpi, vale salientar que o ponto de vista aberto por Dostoievski nesse cenário – não obstante sua “grande ira” e sua condenação categórica do fenômeno do niilismo, em nome de uma regeneração dos ideais de inspiração evangélica – teve em Nietzsche um observador

²⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm *O Crepúsculo dos Ídolos*.(ou como filosofar com um martelo) Rio de Janeiro: Relume Dumará,2000.p.103

entusiasta. Interessante é percebermos que a aceitação do tratamento do tema, aberto por Dostoiévski é aceito por Nietzsche de maneira seletiva como o foi, do mesmo modo, a sua admiração pelo pensamento de Schopenhauer. Ou seja, dos dois pensadores Nietzsche só considera a parte corrosiva da crítica, desprezando em ambos os desdobramentos da mesma.

Assim como Volpi, Claudemir Luís Araldi reconhece em Nietzsche, a importância da crise de valores vivida na segunda metade do século XIX, no modo como ela se apresenta na literatura, nas ciências, na sociedade, na política e nas artes, e de como essa situação de crise influenciou o filósofo. Araldi aponta uma afinidade no modo como Nietzsche e Bourget caracterizam a ‘doença’ que se intensificava no século XIX, principalmente no vazio de sentido da existência humana e no desacordo com o mundo. Paul Bourget foi romancista e crítico literário; como crítico literário notabilizou-se graças a uma série de artigos em que descrevia muito bem os traços marcantes da literatura do final do século, usando como categorias da sua análise da sociedade da época, alguns conceitos de crescente circulação, como “decadência”, “pessimismo”, “cosmopolitismo” e “niilismo”.

A crítica literária, que Bourget praticava, recorrendo ao que ele chamou de método psicológico, descreve a transição da última fase do romantismo francês para a modernidade e vê nas tendências predominantes na literatura decadentista o reflexo de transformações que envolvem toda a sociedade. Os ensaios constituem reconhecida análise de certas conseqüências fatídicas da vida cosmopolita e esclarecem os processos de decadência e decomposição do tecido social, patentes na literatura da época. Bourget antecipa preocupações que serão também preocupações capitais de Nietzsche; a função da arte na vida, a massificação que começa a reinar por toda parte, a aristocracia do espírito capaz de criar, cada vez mais esmagada pela busca da igualdade. É significativa também a referência

de Bourget a doença da vontade, provocada pela desagregação dos instintos; portanto idéias que serão também caras a Nietzsche. O romancista e crítico literário compara com um organismo tanto a sociedade como a língua. Dá-se a decomposição da sociedade quando os micros que compõe o macro deixam de submeter a sua energia a energia do todo, e a desagregação que se instaura constitui a decadência do conjunto. Por analogia, Bourget usa o mesmo conceito de decadência para constatar a decadência literária, formulada em termos que Nietzsche retomará quase que literalmente. Já se demonstrou com muitas provas, que Nietzsche estudou atentamente essa teoria da decadência²⁷

Além dos estudos que Nietzsche fizera de Bourget, é notável que o complexo de temas: pessimismo, decadência, esgotamento, desagregação dos instintos e degeneração passem, a ocupar, nas obras de Nietzsche importância sempre maior, de modo que acontece uma ampliação e um aprofundamento da questão do niilismo deslocando e aprofundando o diagnóstico de Bourget.

Assim, se no começo o filósofo sofre influências do clima efervescente de sua época, do romantismo, do ceticismo, e posteriormente do pessimismo de Schopenhauer, aos poucos o filósofo assume e investiga essa questão de modo próprio como algo de importância capital. Pessimismo, ceticismo e decadência vão ser considerados sintomas de algo mais radical e longínquo. O niilismo em Nietzsche, passa a ser o ponto para o qual vão convergir todos os temas referentes à crise dos valores e dos ideais do homem moderno. No entanto, comprometido com sua época, a proposta nietzschiana é de discutir o que desencadeou a crise para, a partir deste ponto, pensar como superá-la.

Embora os estudos históricos mostrem que é complexa a delimitação e caracterização da gênese do niilismo, por se tratar de fenômeno multifacetado – ocorrendo

²⁷ VOLPI, idem, ibidem, p.47-48.

na literatura, filosofia, política e sociedade civil, acreditamos haver algo que perpassa os diversos enfoques do tema: a situação é sempre de crise, de incertezas, de precariedade, de falta de fundamentos absolutos. Deste modo, acreditando como Nietzsche acreditava ser o filósofo, o médico da alma e também aquele que deveria manter a qualquer custo sua integridade intelectual, ousou sinalizar caminhos para a situação de precariedade da existência humana. Assim, é com Nietzsche que o niilismo amadurece e atinge seu ponto mais delicado²⁸. O filósofo vai fundamentar a gênese do fenômeno em tempos mais distantes, no platonismo e no cristianismo, e posteriormente detectar a sua retroalimentação durante toda a modernidade, apesar de seus discursos emancipatórios. O que nos parece mais original em Nietzsche quando trata do tema, é a sua proposta de superação, a sua reiterada insistência numa transvaloração de todos os valores. É preciso entender que na sua origem, a vida, o mundo, não tem valor, é a moral instituída que separa tudo em bem e mal. A realidade não pode ser concebida a partir do capricho humano, é urgente aceitá-la como ela é; ou seja, “*além do bem e do mal*”.

Após identificar o desencadeamento e a disseminação do niilismo numa leitura moral do mundo, então, a solução seria agora, uma nova leitura da vida, não mais contaminada pela moral.

Deste modo o processo de consumação, segundo o qual percebemos se delinear o pensamento do filósofo, quando trata dessa questão, poderia ser pensado em três etapas: a “Morte de Deus” como acontecimento primeiro, significando a perda dos valores tradicionais; a adaptação a essa nova realidade com a possibilidade de recaídas e tentativas

²⁸ Por isso Franco Volpi pode afirmar que não é exagero considerar Nietzsche o profeta máximo e o teórico maior do niilismo, alguém que cedo intuiu a “doença” do século e sua respectiva terapia. VOLPI, op. Cit, 1999 p.43.

inconscientes de substituir os valores negados por outros, e a última e mais importante etapa, a superação do niilismo, conquistada pelo além-homem, aquele que conseguiria interagir com a vida destituída de sentidos absolutos ou transcendentais.

CAPÍTULO 2

A MORTE DE DEUS

Na modernidade, a “Morte de Deus” será o termo que caracterizará o acontecimento do niilismo. Dizer: Deus está morto! significa dizer que a verdade está morta, está abandonada a confiança em qualquer supra-sensível que a assegure. Dizer: Deus está morto! significa o fim dos valores tradicionais, o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fundamento divino. Agora sabemos porque sempre se preferiu o verdadeiro, a verdade tinha sido vinculada ao divino. Embora exista, na proclamação da sentença “Deus está morto” uma vinculação com o Deus cristão, o anúncio da Morte de Deus é um acontecimento que não pode ser confundido com uma tentativa do filósofo de

explicação acerca da existência ou não de Deus²⁹, mas o momento de uma reviravolta como nunca antes houve na história da humanidade.

No aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, de título “O homem louco”, Nietzsche se refere de maneira explícita ao significado e as sinistras conseqüências de tal acontecimento

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’? _ e como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? _ gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos _ vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todo os sóis? Não caímos continuamente?’³⁰

As perguntas do homem louco são questionamentos de alguém atordoado diante do cenário que se abria, suas perguntas mostram o sentimento de constatação do imenso desafio que então se apresentava. Esvaziado o mar, apagado o horizonte, desatada a terra do sol, é preciso agora não apenas ser capaz de buscar outras âncoras, mas de ser capaz de exercitar a capacidade de viver sem elas.

É a modernidade, o tempo histórico que assistirá o desencadear das conseqüências virulentas deste fato. É a abertura científica e de contestação do passado que possibilitará a disseminação de tal idéia. A cosmologia moderna não retirou apenas a terra do centro do

²⁹ Heidegger se refere a esta questão dizendo: “... a partir dessa asserção fica claro que a sentença nietzscheana acerca da morte de Deus tem em vista o Deus cristão. Mas não é menos certo e a priori digno de consideração o fato de o nome de Deus e o nome Deus cristão serem utilizados no pensamento de Nietzsche para designar o mundo supra-sensível em geral”. HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzscheana : Deus está Morto”, in *Natureza Humana* 5(2):471-526jul-dez.2003,p.478.

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras,2001.p.147, aforismo 125.

universo, mas também o homem do seu centro. No universo físico da cosmologia moderna, não lhe é dado mais viver e sentir-se em casa, como no cosmo antigo e medieval, ‘imerso na imensidão infinita dos espaços que ignoro e que me ignoram, eu me apavoro’.³¹ O lamento de Pascal mostra a sensação de indigência humana nesse momento, assim como no limiar da era moderna, a falta do sentido e do porquê como a causa mais profunda do aparecimento do niilismo. Quando falta o sentido, quando o “porquê” não obtém resposta, o niilismo certamente aparece.

Num dos fragmentos que serviram de prefácio à sua obra, *Vontade de Poder*, Nietzsche descreve o anúncio do niilismo, como um acontecimento descomunal que vem se preparando ao longo da história e que, no entanto, ainda levará algum tempo (dois séculos) para se efetivar. O homem moderno deixa os valores decaírem, de modo a promover um vazio provocado pela indigência de valores. Embora tenha se tentado retardar este grande acontecimento; refere-se ao cristianismo principalmente, foi inevitável que ele eclodisse. *Enfim, o homem moderno arrisca uma crítica dos valores, de uma maneira geral; ele reconhece as origens disso; ele reconhece o bastante disso para não mais crer em valor algum: eis o pathos, o novo frêmito (...) O que conto é a história dos dois próximos séculos.*³²

Com o advento da Morte de Deus o cenário está montado, e agora é para a encenação de uma nova peça e nela, a idéia principal é a de que: Se Deus não mais existe está o homem desobrigado de qualquer responsabilidade para com ele. *Deus, “mundo verdadeiro” uma idéia que não serve mais para nada, que não obriga mesmo a mais nada-*

³¹VOLPI, op. cit.,p.16.

³²NIETZSCHE 1887-1888,11 [119], p 250-251.

*uma idéia que se tornou inútil, supérflua, suprimo-la!*³³ Agora é preciso se preocupar em não mais pecar contra a terra, como diz no prólogo Zaratustra, o anunciador do Super-homem, “*o mais terrível, agora, é...atribuir mais valor às entranhas do imperscrutável do que ao sentido da terra*”³⁴. Após a Morte de Deus, sucede a invocação da suprema possibilidade humana, a doutrina do Super-homem. A Morte de Deus é condição necessária para a doutrina de Zaratustra. O homem moderno “está condenado à liberdade” de inventar um novo mundo, um novo sentido. Mas essa liberdade só parecerá condenação para aquele incapaz de perceber as possibilidades que se abrem com ela. A vantagem não seria, no mínimo, arrancar-se do nada em direção a existência?

*“O anseio de carregar a responsabilidade última pelas próprias ações, dela desobrigando Deus, mundo, ancestrais, acaso, sociedade, é nada menos que o de ser justamente essa causa sui....e arrancar-se pelos cabelos do pântano do nada em direção a existência”*³⁵

Todavia para o homem metafísico, a morte de Deus é vivida de modo dramático, justamente porque marca a tentativa de finalização de um longo desejo de viver com uma consciência de segurança, que de fato não é possível. Não é possível porque agora descobrimos que não cabem mais respostas tranquilizadoras que tenham como base sustentadora o que se está negando: Deus como pressuposto, como fundamento único. E isto não deve ser considerado como algo que deva favorecer o pessimismo ou o irracionalismo, mas como o momento de perceber a racionalidade e a vida em novas bases. Se a verdade, como afirma o filósofo, é um batalhão móvel de metáforas, metonímias e

³³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm *O Crepúsculo dos Ídolos* ou como filosofar com um martelo Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.p.32

³⁴NETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém* 11ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.prólogo. 3 p36.

³⁵NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal : Prelúdio a uma filosofia do futuro.*2 ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras,1992.p.26,af.34.

antropomorfismos que depois de longo uso parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias, o papel da filosofia assim como das formas lógicas, e das teorias científicas foi e deve continuar sendo o de organizar o devir contraditório e confuso do mundo, com o objetivo de tornar esse último utilizável e habitável pelo homem. “*O pensar não é para nós um meio para ‘conhecer’, porém para designar o acontecer, para ordená-lo e torná-lo manipulável para nosso uso: nós hoje pensamos dessa forma sobre o pensar.*”³⁶

O desejo humano de estabilidade, para Nietzsche, levou-nos a produção de um mundo que não é mutável no devir, esse feito nasce da necessidade de criar uma vida onde a mutação, a dor, a guerra, a contradição não existam..Se esquivar das contradições, desejar a paz e não a guerra, para Nietzsche tudo isso, é renunciar a uma vida grandiosa, ou seja, é se esquivar a descobrir múltiplas possibilidades.

O grande perigo que surge com a Morte de Deus será sempre pensado pelo filósofo como a possibilidade de estagnação das forças. Diante da constatação da desvalorização dos valores supremos, o homem moderno atravessará a ponte rumo ao desconhecido, vencerá o transcurso ou sucumbirá como o último homem, aquele que apequenou o mundo, que desconhece o que é amor, criação e anseio, mas no entanto julga ter encontrado a felicidade. “*Inventamos a felicidade, dizem os últimos homens.*” *Por fugirem das “regiões onde era duro viver”.*

É conhecida a passagem no prólogo do *Assim Falou Zaratustra* a reflexão sobre a vida medíocre do homem de seu tempo; sendo Zaratustra um homem moderno é de seus contemporâneos que ele trata. Aquele que vive de pequenas diversões, não se tornam nem ricos nem pobres para não assumir de fato nenhuma das posições, são homens medianos.

³⁶NIETZSCHE Friedrich ,Wilhelm. *Fragmentos Póstumos* Trad. Oswaldo Giacóia Júnior.2 ed. UNICAMP,2002,p.8.

Não desejam governar, muito menos obedecer, julgam tais coisas muito penosas, não desejam nenhum pastor pois são um só rebanho! todos querem o mesmo, todos são iguais. Este mundo, do homem moderno, que não deixa de ser uma criação efetivada por ele, não serve como alternativa, porque parece ao filósofo, claramente, como uma falsa saída. A saída é falsa porque foi criada como fuga e não como alternativa consciente de vida. *Pois, Aniquilar os sofrimentos e os desejos, apenas para evitar sua estupidez e as conseqüências desagradáveis de sua estupidez, se nos apresenta hoje como sendo mesmo apenas uma forma aguda desta última.*³⁷ Neste caso, a tarefa de vencer o niilismo será não somente ignorada, mas abertamente sabotada pela modernidade, cujo princípio é a criação de pequenas satisfações do bem-estar da massa.

O advento da Morte de Deus tem na verdade a configuração de um abalo, de um terremoto que é capaz de mexer com uma base antes aparentemente estável e segura. A Morte de Deus é mais precisamente a morte da confiança em todos os valores antes acreditados, originários da metafísica clássica e assumidos pelo cristianismo. Deus ocupava o lugar da verdade, do sentido, da resposta; agora com sua morte apagou-se o sol que antes iluminara toda a existência; o mundo agora parece sem cor, sem sabor, sem norte. No entanto, este é o acontecimento que dá início a um novo processo. É a partir desse sentimento de perda, de abandono, que novas configurações se darão. A Morte de Deus é o ponto de partida da filosofia de Zaratustra que é, segundo o próprio autor, a sua filosofia mais positiva. Assim como Nietzsche descreveu metaforicamente a Morte de Deus, como o esvaziamento do mar, o apagamento do horizonte, o desligamento

³⁷Idem, ibidem p.33.

da terra do sol, Zaratustra prometerá o Super-homem como novo mar, novo horizonte, novo sol³⁸

No entanto, o acontecimento da Morte de Deus longe de ser algo definitivo, é ainda, “o primeiro bocejo da razão, o canto de galo do positivismo”. No livro V de *A Gaia Ciência*, no aforismo 343, o filósofo reconhece que, em seu tempo o maior acontecimento_ o fato de que ‘Deus está morto’ começa a lançar, embora ainda de forma acanhada, seus primeiros sinais sobre a Europa. Reconhece também que este evento é demasiado grande e que está ainda à margem da compreensão da grande maioria. No entanto, não são todos que se sentem assim, pois

*nós filósofos e ‘espíritos livres’, ante a notícia de que ‘o velho Deus morreu’ nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa _ enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo...o mar, o nosso mar, está aberto, e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto’.*³⁹

O horizonte ainda não está limpo, porque ainda existem muitos resquícios das antigas crenças, ainda há muito desencorajamento diante da nova realidade. No prólogo Zaratustra elogia uma postura viabilizadora do Super-homem, aquele que será capaz de interagir com a vida em novas bases.

*...amo aqueles que não sabem viver senão no ocaso, porque estão a caminho do outro lado. Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes veneradores e flechas de anseio pela outra margem. Amo aqueles que, para o seu ocaso e sacrifício, não procuram primeiro, um motivo atrás das estrelas, mas se sacrificam à terra, para que a terra um dia possa ser do super- homem*⁴⁰.

³⁸MACHADO, Roberto. *Zaratustra: Tragédia nietzschiana*. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.p.49.

³⁹NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad.Paulo Cear de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.234.

⁴⁰NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad Mário da Silva 11 ed Rio de Janeiro Civilização Brasileira , 2000 Prólogo 4 pág. 38

Neste caso a Morte de Deus tanto pode criar um vazio que será vivenciado pelo último homem, para quem não há mais valor, como pode ser impulso decisivo em direção ao Super-homem. Por estar alerta a estas possibilidades, Nietzsche percebeu, por trás de muitos discursos que se queriam emancipados, a presença ainda viva de um ideal metafísico. Mesmo depois do imenso clarão que cobria os modernos, eles não foram capazes de superar a falta do Deus morto. Portanto, achar que grande parte da transposição da ponte que leva ao Super-homem tenha sido ultrapassada será mera ilusão, sua tese é que, na modernidade continua a pulsar um cristianismo latente. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, mostra como de Platão a Kant a crença em uma verdade supra-sensível continuou da mesma forma presente, de forma dissimulada, mas sempre presente. Em Platão, apenas o filósofo tem acesso ao mundo verdadeiro enquanto é capaz de, pela idéia, chegar ao eternamente verdadeiro. No cristianismo, haveria uma popularização desse dualismo platônico que distingue essência e aparência; o mundo verdadeiro é agora prometido ao virtuoso. Com Kant, o mundo verdadeiro não pode ser conhecido, mas ainda assim, é algo que ordena, um imperativo. Se em Platão, no cristianismo e em Kant há uma relação positiva do homem com o mundo verdadeiro, com o positivismo moderno há uma outra atmosfera, caracterizada pelo rigor científico e o ceticismo.⁴¹

Este momento aos olhos de Nietzsche deveria desencadear uma ruptura com a tradição metafísica que de fato não acontece. *O “Mundo verdadeiro” uma idéia que já não serve mais para nada...suprimamo-la!* Esta assertiva sua não foi ouvida. Nietzsche acusa Sócrates e Platão pela implantação do ideal, mas principalmente também os modernos de se crerem afastados desse mesmo ideal. Metafísica, ideal ascético; estes ingredientes,

⁴¹ARALDI, Claudemir Luís . *Nihilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.p 91.

continuam sendo também seus temperos. Julgam-se espíritos livres, mas no entanto, estão enredados nas mesmas teias dos antigos. Na terceira dissertação da *Genealogia da Moral* destacamos o seguinte fragmento:

*eu aqui lhes revelo o que eles próprios não conseguem ver _ pois estão demasiado próximos a si mesmos __: esse ideal é também o seu ideal, eles mesmos o representam hoje, ninguém mais talvez, eles mesmos são o rebento mais espiritualizado desse ideal, sua mais avançada falange de guerreiros e batedores, sua mais insidiosa, delicada e inapreensível forma de sedução __ se jamais fui um decifrador de enigmas, quero sê-lo com esta afirmação!...Esses longe de serem espíritos livres: eles crêem ainda na verdade*⁴²

Na esteira de Heráclito, é como devir que Nietzsche concebe o mundo: o mundo, a vida não têm origem primeira, não têm uma cadeia lógica que oriente os acontecimentos. Segundo ele, a condição do mundo, por toda a eternidade é o caos, não no sentido de falta de necessidade, mas no sentido de falta de ordem, de forma, de beleza, de sabedoria. Por trás de todos os conceitos que se pretendem verdadeiros, o que há é uma total falta de sentido e fundamento. Para o filósofo não existe coisa em si, todas as coisas são o resultado de uma rede de relações, que são fruto de interpretações humanas. A ordem, a forma, a beleza, e a sabedoria seriam criações humanas e somente humanas. Estar na esteira de Heráclito significa, mais precisamente, interpretar a vida como jogo de forças. Heráclito defende a contradição e o devir como pai de todas elas. Aceitar a contradição significa aceitar a mutação, a aniquilação e a morte como constitutivas do jogo de forças. No entanto, se na Grécia arcaica essa realidade era aceita como algo que não poderia ser mudado, mas apenas transfigurado, *a natureza humana foi mudada por esse aparecimento sempre renovado dos mestres da finalidade da existência...o homem tornou-se gradualmente um animal fantástico, que mais que qualquer outro tem de preencher uma*

⁴²NIETZSCHE, Friedrich – *Genealogia da Moral*: uma polêmica -tradução notas e posfácio de Paulo César de Souza- São Paulo: Companhia das letras, 1998 III dissertação pág. 138

condição existencial.⁴³ Por prometer a redenção, a metafísica até então teria sido a história de um erro, porque o que está na sua base é uma vontade de verdade, de sentido a priori, de finalidade. No *Crepúsculo dos Ídolos*, entende por ídolo tudo que até então se considerara como verdade advinda do pensamento metafísico tradicional, do cristianismo, bem como do pensamento moderno. O filósofo defende que sua proposta de superação não é de uma inversão de valores, mas apenas, a de esclarecer o horizonte do não valor, ou seja, do nada de sentido. Embora esta falta de sentido seja apenas, a grande possibilidade de criação de sentido.

É no prólogo da *Genealogia da Moral* que Nietzsche descreve com toda clareza o seu interesse pela origem dos nossos valores. A partir de um destemido senso crítico e de uma desconfiança original investiga as estruturas do nosso bem e nosso mal. Presente, desde muito cedo⁴⁴ que esta aí o seu tesouro.

*O que isso que arrasta com tamanha força a alma de tantas pessoas para o vulgar, dificultando assim a sua ascensão num vôo mais alto das idéias? ... fomos influenciados sem carregar conosco a força suficiente para contrariar estas influências, sem saber sequer que estamos sendo influenciados. Renunciar à própria autonomia pela aceitação inconsciente de impressões externas, reprimir potencialidades da alma pelo poder do hábito e encher a contragosto a alma até o seu grau mais profundo, com os germes do extravio, isto é certamente uma experiência dolorosa.*⁴⁵

Admite não haver questão mais cara para pensar; ajudado, como ele mesmo diz, por uma educação histórica e filológica e por apurado senso seletivo em questões psicológicas, transformou aquela que era a sua primeira questão em outras. Seu interesse se alargou; não quis mais saber apenas a origem de nosso bem e nosso mal, mas sob que

⁴³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.53 aforismo 1.

⁴⁴Já aos dezessete anos no escrito *Fatum e História* de 1862 Nietzsche reflete sobre estas questões.

⁴⁵NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre História*. Trad. Noéli de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC: 2005.p.62.

condições o homem inventou para si os juízos de valor bom e mau? E que valor tem eles ? São indício de miséria e empobrecimento, degeneração da vida? Ou ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?

É das respostas a essas questões que se estrutura, o projeto filosófico nietzschiano. Não é difícil perceber o quanto a moral, enquanto problema, está implícita e permeia a fase madura de seu pensamento, como uma linha que enlaça tudo e que tudo agrega⁴⁶. Afinal é porque o mundo e a vida foram moralizados que os homens se tornaram niilistas. O niilismo é uma consequência da interpretação moralista do mundo.

Teoricamente se a cultura e os valores fossem de outra ordem provavelmente o homem também o seria. Portanto, é pela seriedade do que se colocava diante de si, que seu objetivo foi percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral.

O homem pela sua própria constituição, de portador de uma “razão” inerente apenas a ele no reino animal, como tal, ousou, resistiu e desafiou o seu destino corajosamente, pois, foi sempre o grande experimentador de si mesmo, porque sempre foi insatisfeito, insaciado, aquele que não encontra sossego de uma força própria. Sendo assim o filósofo pergunta: como não seria um tão rico e corajoso animal também o mais exposto ao perigo, o mais longa e profundamente enfermo de todos os animais enfermos? Portanto o ideal ascético foi expressão de uma vontade que preferiu o nada, a nada querer.

Nietzsche defende que ao longo da história temos diversos registros de verdadeiras epidemias que são desencadeadas por uma espécie de tédio e de fastio de si mesmo.

⁴⁶Boa parte da obra de Nietzsche está dedicada à análise dessa interpretação moralista do mundo que vigorou por milênios, que o preencheu de finalidade e sentido e seu crescente esboroamento. FEITOSA, Charles Nietzsche e os Gregos-Arte, memória e educação. Rio de Janeiro: De Paulo 2006 ‘Travessias do Niilismo’ .p 209

O sofrimento se afigura à vida humana como um perigo latente, por isso o seu conhecimento seria a condição para uma atitude afirmativa da vida e do mundo. O sacerdote ascético soube consolar os desconsolados, no entanto, provocou mais sofrimento, pois nunca atacou a causa do sofrer, suas medidas foram sempre paliativas. Aos olhos de Nietzsche, em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia. Aponta acontecimentos históricos como: O pessimismo do século XIX, mais precisamente o pessimismo parisiense de 1850, o alcoolismo na idade média e a depressão alemã após a guerra dos trinta, como exemplos disso. As religiões tiveram, efetivamente o que combater. Segundo Nietzsche, isto é o resultado de uma obstrução fisiológica que necessariamente apossa-se de vastas massas. Desse modo, por falta de saber fisiológico, não penetra como tal na consciência. De modo que seu motivo, seu remédio, pode ser procurado e experimentado tão somente no domínio psicológico-moral. Foi assim que, as grandes religiões tiveram muito com o que se ocupar ao longo dos tempos.

É deste modo que uma verdadeira guerra contra o sentimento de tédio e desprazer é instaurada, as grandes religiões pretendem demonstrar que a dor é um erro e para o combate, o remédio é não se permitir nenhum querer, nenhum desejo, nenhum afeto, ou seja, como diz Nietzsche evitar tudo que produz “sangue”. *Se em alguns casos houve o livramento da depressão, não é menos certo que ela pode abrir caminho para toda sorte de perturbações espirituais...para alucinações de som e de forma, para voluptuosos transbordamentos e êxtases da sensualidade*⁴⁷.

⁴⁷NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.121.

Nietzsche percebia em sua época a exacerbação e valorização do trabalho como um remédio também para o mesmo mal. Estar sempre excessivamente ocupado era a fórmula para o afastamento de qualquer aproximação de angústia ou insatisfação pessoal. A consciência estando ininterruptamente ocupada entre um fazer e outro, deixa pouco tempo para o pensamento, para o sofrimento. O trabalho era algo que exigia regularidade, a obediência pontual e impensada; tudo isso levou a uma educação da impessoalidade, e do esquecimento de si. O filósofo adverte inclusive que a propagação da idéia de que fazer o bem a outrem é o bastante para proporcionar o bem a si mesmo foi uma estratégia do sacerdote ascético para dominar mais facilmente a possibilidade de iluminação da realidade mesma. Era preciso acreditar que a alegria como meio de cura é a alegria de causar alegria (ao fazer benefício, presentear, aliviar, ajudar, convencer, consolar, louvar) ⁴⁸.

O filósofo vê nesta forma de orientação um estímulo provocado por algo que está por trás, a vontade de poder, ainda que em doses prudentes, que é o impulso mais forte e afirmador da vida. Nietzsche vê nas associações para auxílio mútuo de pobres e de enfermos no começo do cristianismo no mundo romano, o início da formação dos rebanhos.

...todos os doentes, todos os doentios buscam, instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove; onde há rebanho é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou. ⁴⁹

De fato, com todo esse sistema de procedimento, a velha depressão, o peso e a fadiga foram debelados, o sacerdote ascético havia vencido pois não havia mais queixa de dor. O homem foi “melhorado”. Porém, isso significa mais precisamente domesticado, na

⁴⁸ Idem, ibidem p.124.

⁴⁹ Idem, ibidem p. 125.

conclusão do filósofo, lesado. O homem tem agora um sistema nervoso arruinado, pois o ideal ascético inscreveu-se de maneira terrível e inesquecível em toda a história da humanidade.

Mas, adverte Nietzsche que o importante é investigar não apenas o que este ideal realizou, mas principalmente o que ele significa, o que deixa entrever, o que se esconde nele, e porque lhe foi concedido tanto espaço? E vai mais longe; quer saber por que não lhe foi oposta tamanha resistência.

Afirma que qualquer um que se defendesse afirmando que esta resistência foi feita inclusive prioritariamente pela ciência moderna, que como verdadeira filosofia da realidade crer apenas em si mesma, e que está saindo-se muito bem sem Deus, o filósofo refuta veementemente que a verdade é precisamente o oposto do que se afirma. A ciência é, em sua concepção, um esconderijo para toda espécie de desânimo. O ideal ascético foi até agora senhor de toda filosofia, porque a verdade foi entronizada como Ser, como Deus, como instância suprema. O que não foi percebido, é que a partir do momento em que a fé no Deus foi negada; passa a existir um novo problema: o problema do valor da verdade. Portanto, a ciência não serve como antagonismo do ideal ascético. Dizer que a derrota da astronomia teológica representa uma derrota sobre esse ideal é uma falácia. Pergunta o filósofo: teria o homem menos necessidade de recorrer ao além para solucionar seu enigma de existir, agora que esse existir aparece como ainda mais gratuito? O homem que em sua fé anterior passou de filho de Deus, Homem-Deus a apenas animal, parece rolar velozmente num plano inclinado para longe de qualquer centro, rumo ao nada.

Toda ciência (de modo algum apenas a astronomia, sobre cujo efeito humilhante e deprimente Kant fez uma notável confissão, ela anula minha importância...) toda a ciência, a natural tanto como a inatural _ assim chamo a autocrítica do conhecimento...ainda se pensa realmente com toda a seriedade(como imaginaram os

teólogos durante algum tempo) que a vitória de Kant sobre a dogmática dos conceitos teológicos “Deus, “alma”, “liberdade”, “imortalidade” tenha causado prejuízo a esse ideal? É certo que, desde Kant, os transcendentalistas de toda espécie ganharam novamente a partida _ eles se emanciparam dos teólogos ...Kant lhes mostrou o caminho secreto através do qual podem, por iniciativa própria e com maior decoro científico, perseguir doravante os “desejos do seu coração”⁵⁰

O filósofo termina a sua *Genealogia da Moral* com a seguinte conclusão: o querer que o ideal ascético orienta está fundado no ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, ao que é matéria. Está claramente expresso um horror aos sentidos, a mutabilidade, ao devir, a morte; como também o medo da felicidade e da beleza. Tudo isso significa, mais precisamente, uma vontade voltada para o nada, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida. No entanto, este sentimento é e continua sendo uma vontade. E é esta a sua conclusão: o homem preferirá ainda o nada a nada querer.

A morte de Deus e o encontro com o niilismo aparecem então como momentos de desilusão necessários.

São vivências que propiciaram a passagem a novas possibilidades de vida. Pois se todos os fins foram destruídos, é ainda necessário que o homem estabeleça um novo fim; com o fim da crença milenar em fins predeterminados abrem-se as possibilidades de novas auroras.

A negação então só tem sentido se for a primeira parte da tarefa que o filósofo pretende delegar àquele no qual vai depositar a possibilidade do novo. É bastante comentada a passagem em *Assim Falava Zaratustra*, “Das três transmutações”, em que a experiência do niilismo, mesmo sem aparecer como conceito, é encarada como momento imprescindível para a mudança do espírito que primeiro é camelo (espírito de suportaçãõ),

⁵⁰ Idem, ibidem p.143.

depois leão (espírito de contestação) e por fim criança (espírito de criação). Só assumindo a postura da criança, sem preconceitos moralizadores do mundo, será possível dizer sim. Sim à vida, sim à morte, sim à condição humana. Portanto, a negação deve sempre se dar numa perspectiva de afirmação. Eis a assertiva do filósofo:

Incrédulos e ateus, sim! - mas sem aquela amargura e paixão do abandonado que da descrença se fabrica uma crença, uma finalidade; muitas vezes um martírio: nós estamos escaldados e ficamos frios com a visão de que o mundo não transcorre de modo divino, e nem mesmo sequer com padrões racionais, compassivos, humanos; nós sabemos que o mundo em que vivemos é imoral, não divino, desumano - nós o interpretamos por tempo demais no sentido de nossa própria honração. O mundo não vale tudo aquilo que temos acreditado.⁵¹

É este o sentimento daquele que decide viver a vida *além do bem e do mal*, incrédulo e ateu como não poderia deixar de ser; mas sem sentir-se desencorajado à vida, pois nela não há ordem, não há sentido, o que há é uma necessidade, uma vontade de verdade. Assim, a maneira de conceber tradicionalmente a verdade não passou de um engano lamentável e Nietzsche assumiu, por isso, a responsabilidade de desmascarar uma pretensão que julgava fruto do orgulho humano. A investigação nietzschiana em torno da natureza moral do conhecimento, da ciência e da filosofia se dá numa perspectiva de ultrapassamento dos limites das mesmas, como também do homem de seu tempo. A consideração da moral como problema, desde cedo em sua vida, resultou num cuidado reiterado dos impulsos a ela subjacentes, e a consequência foi uma crítica veemente e desmascaradora da pretensão de verdade da religião, da metafísica e da ciência, apontando incansavelmente para as fontes morais das mesmas.

⁵¹NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Fragments Finais*. Trad. Flávio R. Koth. Brasília: Editora Universitária, 2002, p. 11.

Com o descrédito dos valores morais antes acreditados da tradição, a perda de sentido da existência humana significa também a desdivinização e a desumanização do mundo. O homem não estaria mais inserido no mundo criado e organizado por Deus.⁵² Nesta perspectiva não contém mais nenhuma divindade, mais se apresenta como ‘caos’ da ausência de sentido. A compreensão do mundo como caos seria necessária para vencer as sombras de Deus...no mundo desdivinizado, não resta nenhum atributo ou propriedades humanas.⁵³ Por isto, Nietzsche pode dizer que o significado de homem e mundo precisam ser repensados. O homem precisa ser pensado numa relação com a natureza, como “*o sentido da terra*”. Na compressão do homem como sentido da terra há um novo sentimento do homem em relação à natureza. O homem seria, nessa visão, somente uma etapa do caminho que vai do verme ao além-do-homem. Com isto Nietzsche/Zaratustra entende que o homem está intimamente ligado ao desenvolvimento da natureza, sendo necessário reconsiderá-lo a partir dela e nela.⁵⁴

Para o filósofo o homem não é nenhum ser que possua uma essência imutável, ou uma substância fixa. O homem é ainda algo inexplorado, é *um estar a caminho, uma transição. O que há de grande, no homem é ser uma ponte e não uma meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um ocaso.*⁵⁵

Demonstraremos a seguir, uma caracterização do que em Nietzsche configurou uma tentativa de adaptação humana a um novo panorama explicativo da realidade; e como essa

⁵²ARALDI, Claudemir Luís. *Nilismo, Criação e Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004. p.289.

⁵³ Idem, ibidem p.289.

⁵⁴ Idem, ibidem p.308.

⁵⁵NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, Prólogo, p. 38

vivência com o novo foi, mesmo em suas formas mais insuspeitas, sabotada e frustrada pela ciência e pela filosofia.

CAPÍTULO 3

ADAPTAÇÃO E RECAÍDAS

A promessa de superação do niilismo está então minada pelas sombras e pelas sobras dos antigos ideais. A verdade continuou a ser buscada como uma exigência, como um ideal. Daí a afirmação nietzschiana de que o ideal ascético contaminou todas as filosofias. Fiquemos atentos, sugere o filósofo “*todo o anseio por um Além, ao Lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo*”. Nada mais avesso às exigências da integridade intelectual que a fuga desmedida ao caráter errôneo do mundo. A descoberta de que a metafísica se tornou supérflua não elimina o risco de recaída em uma nova metafísica...ao substituir um absoluto por outro, ao pôr no lugar do ‘ser falso’ desvelado pela crítica um ser ‘verdadeiro’.⁵⁶

⁵⁶PECORARO, Rossano. *Niilismo e (Pós) Modernidade: Introdução ao pensamento “fraco” de Gianni Vattimo*. Rio de Janeiro: PUC, 2005. p. 43.

Se por um lado a moral atuou como antídoto ao niilismo suicida, por doar sentido, veracidade e finalidade a vida humana, por outro lado impregnou a vida de um modo que parece muitas vezes quase impossível de cura, pois mesmo com a ruína da moral em seu viés religioso ela continua atuando nas ciências, nas artes, na política, na filosofia.⁵⁷

É através da história que o filósofo diagnosticará as fases desse transcurso que se inaugura com Sócrates. Assim, platonismo, cristianismo, positivismo e subjetivismo serão momentos diferentes de vivências niilistas disfarçadas. O dualismo platônico é talvez a mais desesperada busca pelo fundamento fixo frente à desconcertante evidência do devir. A preocupação platônica, na leitura de Nietzsche, não seria apenas científica, mas já um sintoma. O cristianismo popularizou essa idéia, dando forma própria a este dualismo, este mundo, esta vida, são as sombras do que existe de melhor. No positivismo este mundo ideal se mostrou desconhecido e incompreensível e como tal supérfluo. Em relação ao subjetivismo, isto se expressa na idéia de um sujeito autocentrado capaz de pela idéia acessar o verdadeiro. Nestes casos os valores superiores estão substituídos por valores humanos; os valores fundados, antes no absoluto, na essência, na transcendência agora são substituídos pela crença na consciência, no sujeito. Mas que consciência? Que sujeito? Se ambos os conceitos também são uma falácia.⁵⁸

⁵⁷ ARALDI, op. cit., pág. 70.

⁵⁸ Sobre a idéia de sujeito e consciência em Nietzsche Cf exposição clara de M. Cristina Franco Ferraz A idéia de sujeito é uma idéia nascida da modernidade. A crítica de Nietzsche dirige-se à idéia cartesiana do sujeito enquanto consciência, enquanto unidade, enquanto origem e fundamento da moral e da verdade no mundo. Nietzsche faz a crítica da “essência lógica” da subjetividade, que constitui a base do pensamento de Descartes e Kant...a “identificação” do sujeito com a razão como fundamento da verdade é uma “ilusão”, uma “ficção”, não há coisa em si para Nietzsche. A consciência não é sequer a instância mais importante da personalidade, mais seu aspecto mais superficial...a consciência tem um caráter social que advém da necessidade de comunicação entre os homens. FRANCO, Maria Cristina. Nove Variações sobre temas nietzschianos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.p. 18

O niilismo, como estado psicológico adverte Nietzsche, ocorrerá sempre quando buscar-mos na realidade um sentido que não está nela, este sentido poderá ser de diversos modos o “cumprimento” de um cânone ético supremo em todo acontecer; a ordenação ética do mundo; ou o aumento do amor e da harmonia no trato dos seres; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo um livrar-se de um estado universal de nada. Para o filósofo o que há de comum em todos esses modos de representação é que, acredita-se veementemente que, através de um processo “divino” algo será alcançado. No entanto, como não poderia deixar de ser, após longo tempo de espera perde-se o ânimo e rende-se à constatação de que não há um sentido no mundo, um fim que será alcançado. Portanto, novamente a desilusão sobre uma pretensa causa do vir a ser é a causa do niilismo. O ser humano é complexo e contraditório e está aí a sua riqueza, não adianta sonhar com um mundo sem conflitos, onde reine uma paz perpétua, isto significaria a própria morte.

O niilismo como estado psicológico ocorre em segundo lugar quando se pensa o mundo como uma totalidade sistêmica, algo infinitamente superior ao homem; no fundo isto seria um modus da divindade. O prejuízo está justamente em que “o bem do universal exige o abandono do indivíduo”. Mas depois de longa espera percebe-se que não há nenhum universal; na verdade, o homem concebeu o todo, o universal, como algo superior para poder acreditar em seu próprio valor. Todavia, a fase niilista mais delicada ainda está por vir. Depois de compreender que com o vir a ser nada é alcançado e que somente por necessidade psicológica esse mundo foi criado,

surge a última forma de niilismo, que encerra em si a descrença em um mundo metafísico, que se proíbe a crença em um mundo verdadeiro. Desse ponto de vista admite-se a realidade do vir a ser

*como única realidade...mas não se suporta mais esse mundo que já não se pode negar.*⁵⁹

Não suportar, significa continuar de algum modo, mesmo que seja pelas maneiras mais insuspeitas e disfarçadas que se possa imaginar, na defesa desses ideais.

A tentativa nietzschiana é de alerta para a busca, muitas vezes inconsciente, por respostas últimas que apenas ocupariam, do mesmo modo, o lugar desocupado pela metafísica tradicional. No fragmento 344 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche mostra em que medida julga que mesmo o discurso daquele que se considera livre da crença na verdade, ainda é enredado por ela; mostra como a vontade de verdade permanece na ciência como princípio condicional de sua existência e considera que todos que buscam o conhecimento, inclusive os ateus e os antimetafísicos, ainda *tiram a sua flama daquele mesmo fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina.*⁶⁰ Para Nietzsche enquanto a crítica do valor da verdade não for efetivada tudo permanece da mesma forma. Neste sentido, inclusive o ceticismo não representaria uma evolução,

*pois o cético persevera na denúncia de que o dogmático jamais atingiu a verdade, de que a verdade é inatingível; mas resignado a essa inacessibilidade, o cético não realizou a crítica do valor da verdade- ele permaneceu aferrado a ela como valor*⁶¹

No opúsculo *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral* comenta sobre a necessidade humana de existir socialmente e em rebanho, necessidade que leva o homem a travar um acordo de paz e justamente por isso promove algo que lhe parece ser o primeiro

⁵⁹ Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. Coleção Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.p.380.

⁶⁰ NIETZSCHE, 2001, op. cit.,p.236.

⁶¹ GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche & Para Além do Bem e do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.p.12.

passo para alcançar o impulso à verdade. É a partir daí que é fixado o que passará a ser chamado de 'verdade', isto é: uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas. Surge assim, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira. Isto deixa claro que a verdade tem uma história; e que é preciso conhecer os seus meandros.

Mas, se para suportar a existência que se apresentava enigmática e cruel era preciso criar, como o próprio Nietzsche defende, qual é de fato o problema apontado por ele? O que mais incomodou Nietzsche foi o fato de termos um mundo criado a partir de interpretações, de aparências que passam por essências.

A diferença estaria justamente no fato de o homem não estar alienado de sua situação no mundo. Trata-se da necessidade de uma consciência profunda que supera uma consciência superficial, e a partir dela o homem poderia vivenciar as mentiras e ilusões como perspectivas humanas da realidade: pois sem dúvida alguma quem quer o verdadeiro, no sentido intrépido e supremo que pressupõe a fé na ciência, afirma por essa própria vontade um outro mundo sem ser o da vida, da natureza e da história⁶². O mundo da vida, da natureza e da história é errância.

*Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver — supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeito, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas isto não significa que eles estejam provados. A vida não é argumento; entre as condições para a vida poderia estar o erro.*⁶³

Neste caso o filósofo denuncia que o percurso da moral e da metafísica ao longo da história, caminharam de mãos dadas. E neste percurso não há nenhum registro de ruptura significativa que tendesse para uma superação desta idéia de verdade vinculada ao valor. O que houve sempre foram apenas aparências de rupturas. Toda a modernidade quis superar a

⁶²NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*. p. 49.

⁶³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm- *A Gaia Ciência* Trad. notas e posfácio de Paulo César de Sousa- São Paulo Companhia das letras, 2001 livro III af.21. pág145.

metafísica, mas de fato não conseguiu. Toda história tentou adaptar-se num mundo sem Deus, mas recaiu sempre em crenças que se configurariam em novos deuses.

Toda arte e toda filosofia podem ser vista como remédio e socorro, a serviço da vida que cresce e que luta; elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores. Mas existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento.⁶⁴

A filosofia dos modernos foi toda feita por sofredores que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, tranquilidade e redenção. Nesta lista estão, entre os pensadores mais significativos, Schopenhauer e Kant que são citados no mesmo aforismo por Nietzsche e, pelo conteúdo mais geral de sua crítica, também Hegel. Isto, aos olhos do filósofo, é facilmente perceptível pela conservação disfarçada da crença no deus morto em suas respectivas filosofias.

No conceito kantiano de “caráter inteligível das coisas” resta ainda algo desta lasciva desarmonia de ascetas, que adora voltar a razão contra a razão: pois “caráter inteligível” significa, em Kant, um modo de constituição das coisas, do qual o intelecto compreende apenas que é, para o intelecto, absolutamente incompreensível.⁶⁵

Assim, o filósofo percebe nos modernos, como na filosofia a partir de Sócrates, um enfraquecimento das forças vitais antes vivenciada livremente pelos antigos helenos. A leitura moral do mundo, assim como o cristianismo, surge como decorrência de uma doença da vontade. Cindir o mundo em um verdadeiro e um aparente, seja do modo cristão,

⁶⁴NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.271. aforismo 370

⁶⁵NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.108.

seja do modo kantiano (um cristão pérfido no fim das contas) é apenas uma sugestão da decadência: um sintoma de vida que decai.⁶⁶

A racionalidade buscada a qualquer preço inaugurada com Sócrates e cultuada por toda a história é um sintoma. Sintoma de que? Sintoma também da vontade de poder, só que de modo inverso é uma vontade que puxa para baixo, para a negação da possibilidade de elevação do homem. Para Nietzsche toda ação humana é movida por uma vontade, que é expressão básica de uma potência, inclusive as atitudes morais. São nossas necessidades que interpretam o mundo.

Na terceira dissertação da Genealogia da Moral afirma que o tipo de homem movido por uma vontade de poder em sentido contrário, existiu sempre em todos os tempos e lugares; pois ele não pertence a nenhuma raça determinada, mas é movido sempre por uma mesma força, esta força ou vontade se vinga da vida, do que é terreno e mutável em defesa sempre de um transcendente que desse um sentido que de fato não existe. Sendo assim, o filósofo conclui pela defesa da existência de duas vontades, que se associam a dois tipos humanos: uma vontade ressentida, vingativa que nega a existência, deste lado está os fracos e escravizados pela busca eterna de sentido e de verdade; e de outro está uma vontade afirmativa que é cultivada pelos fortes, senhores e criadores de sentido e de “verdade”.

Por isso afirma que toda interpretação é já um sintoma de crescimento ou declínio.⁶⁷ E esta vontade? Uma necessidade de primeira ordem...*deve ser interesse da vida mesma, que um tipo tão contraditório não se extinga.*⁶⁸

⁶⁶NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos Ídolos* ou como filosofar com o martelo. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.p.30

⁶⁷NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. *Fragmentos Póstumos*. Trad. Oswaldo Giacoia Júnior. 2 ed. São Paulo: Unicamp,2002.p.17.

A vida mesma significa a vontade de potência que é constitutiva de todas as coisas, e no caso do ser humano, é então possível vivenciá-la de duas formas.

A tese do filósofo é de que toda a fala da modernidade sobre o homem e as coisas é vergonhosamente moralizante. Pergunta para que serviria os livros modernos para um homem de gosto mais severo, mais duro e mais são. Para que coisa tudo moderno poderia servir a essa posteridade? O pensamento moderno foi construído por homens moralizados até a medula, e quanto à honestidade arruinados e estragados por toda a eternidade: qual deles ainda toleraria uma verdade “sobre o homem”? Qual deles suportaria uma auto biografia? É muito significativa esta passagem da terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, quando o próprio filósofo se inclui entre esses homens moralizados, considerando que também ele foi e pode ainda ser vítima e presa desse moralizado gosto atual. Por mais que acreditemos desprezá-lo_ provavelmente até a nós ele infecta⁶⁹. Os modernos necessitaram o tempo todo de metafísica, pois:

também a impetuosa exigência de certeza que hoje se espalha de modo científico- positivista por grande número de pessoas, a exigência de querer ter algo firme (enquanto no calor desta exigência, a fundamentação é tratada com maior ligeireza e descuido): também isso é ainda a exigência de apoio, de suporte, em suma, o instinto de fraqueza que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo_ mas as conserva .⁷⁰

Mas, Nietzsche sempre quis mais do que ser um filho do seu tempo, defendeu com afinco a superação daquilo que o prendia ao seu tempo... *sou um filho desse tempo; quer dizer um decadente: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se*

⁶⁸NIETZSCHE,op. cit.p.108.

⁶⁹NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza.São Paulo: Companhia das Letras,1998.p.128.

⁷⁰Ibidem, idem.p.240.af.347.

defendeu.⁷¹ Sempre teve convicção que sua obra abriria caminho, pausada e silenciosamente, através dos séculos. Sabia que antes que uma tão grande reviravolta fosse possível e pensável muitos conflitos e oscilações são necessárias e até previsíveis, inclusive o sentimento de que a ruína de uma interpretação venha inviabilizar o advento de qualquer outra. Enfim, sabia-se póstumo.

Vê a sua época como o encerramento de um ciclo, onde todos os fins foram destruídos e a morte de Deus é o acontecimento que marca dramaticamente esta transição de um ciclo a outro. Mas, embora reconheça que a morte de Deus seja condição necessária, reconhece que não é condição suficiente para a superação de todo amesquinamento do animal homem, até então. Sua conclusão em relação a modernidade, é que a tentativa de adaptação à morte de Deus é fracassada por recaídas de todos os tipos.

Percebemos nas críticas que o filósofo faz a toda modernidade, como uma época que não conseguiu superar a metafísica, um distanciamento em relação a si mesmo. Ou seja, Nietzsche julga-se o pensador que teria sido capaz de superar a leitura moralista do mundo. Neste sentido, ao contrário dos seus antecessores, ele não teria recaído em interpretações morais como fizeram eles, neste caso, teria de fato superado o niilismo. Por ora não investigaremos esta questão mais a fundo, mas retornaremos a ela no final de nossa pesquisa.

Crítico incansável dos valores de sua época percebe que, na medida que se fortalece o processo de desmascaramento advindo da modernidade, todo o esforço de fornecer sentidos falsos à existência acabam por sucumbir e ao sucumbir, como já fizemos menção, abrem duas perspectivas. Para o homem moderno: o niilismo pode aparecer como sinal de

⁷¹NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. *Nietzsche contra Wagner: Dossiê de um Psicólogo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.9.

força, de um momento que possibilitará novos sentidos; ou pode aparecer como sinal de fraqueza onde se tem a sensação de total falta de sentido e direção. O compromisso do filósofo é com a “verdade”, com o enfrentamento das questões mais enigmáticas da vida, no entanto verdade aqui significa, se quisermos dizer como descreve Deleuze, o conhecimento do fundo do mundo, intuição trágica e não o conhecimento das ciências. Nietzsche acredita no papel crítico da filosofia e no seu poder de a partir da crítica transformar a ordem estabelecida. Mas, perguntar apenas pelo que é verdadeiro e falso é não conhecer a longa história do nascimento da verdade e da falsidade. Quando afirma que a verdade é um valor busca desvelar e mais precisamente, dessacralizar essa avaliação mostrando o seu caráter de construção humana. A idéia de verdade foi desmascarada e como tal revela não o universo do conhecimento, mas muito mais uma necessidade humana de estabilidade, organização e uniformização.

Nietzsche imaginava ver o fim desse longo processo histórico de “melhoramento do homem” desmascarado, e não esperava colher os seus frutos, mas acreditava ser o grande depositário de uma provável reafirmação do homem. Algo certamente que não seria novo, mas muito mais enriquecido. Acreditava contribuir para o surgimento do homem soberano, novamente liberado da moralidade do costume e consciente do que foi finalmente alcançado. Este homem que alcançou a sua superioridade conhece o seu poder e sua liberdade e com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza.

É a partir do desvelamento do mundo como ele é, das coisas como são, da vida como ela é, que pretende sinalizar para novas possibilidades de vida. Para isso prega o dever da superação. A superação implica uma nova postura diante da vida, uma atitude nova diante dos desvãos da metafísica e do arrebanhamento do homem pelo cristianismo.

Esta tarefa então cabe ao Super-homem aquele que se afigura capaz de reacender a chama que alimenta sua vontade de potência.

O Super-homem abrirá para si uma nova perspectiva, o caminho será o oposto do da tradição, aquele que buscou sempre no mundo e no homem uma “identidade”, uma “natureza”, um “substrato” e que, portanto, pressuporia uma finalidade. Esta tradição inicia-se com Parmênides e com Platão e Aristóteles atinge a completude teórica.

No entanto, a tradição que segue o Super-homem é aquela aberta por Heráclito; nela a vida é devir. Neste sentido:

a vida, o mundo enquanto vontade de potência é uma multiplicidade de significados e perspectivas que dependem de um jogo de forças: forças ativas que aumentam a força de vida (ascendentes) e forças reativas que a diminuem (descendentes). Para Nietzsche, Segundo Michel Haar, ‘a vontade decadente’ recusa aceitar as condições fundamentais da vida: a vida enquanto devir e diversidade. Apesar disso permanece aí uma vontade: a vontade do ‘nada’. A vontade que está presente na tradição judaico cristã que nega a vida é também uma vontade (...) sua direção é as avessas: o ‘querer ser mais’ é um avanço no sentido da decadência.⁷²

Nos escritos dos anos 80, Nietzsche reconhece que as diversas camadas de significação do niilismo se situam em momentos diferentes de sua obra . Segundo Scarlett Marton o primeiro período que vai do *Nascimento da Tragédia* às *Considerações Extemporâneas* é nomeado de pessimismo romântico, em que são ressaltadas as influências de Wagner e da filosofia de Shopenhauer.

O segundo período - de *Humano demasiado humano*, *Aurora* e *A gaia ciência* - é nomeado de “positivismo cético” por conta da influência sofrida por Augusto Comte. O terceiro e último a transvaloração de todos os valores, tematizada a partir de *Assim Falou Zaratustra*.

⁷² VAN BALEN, Regina Maria Lopes. *Sujeito e identidade em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Vapê 1999 pag.46

É neste momento de sua produção intelectual que Nietzsche apresenta seu projeto da transvaloração de todos os valores. Seu pensamento maduro auto intitulado de pensamento trágico parte da proposta da aceitação da vida como ela é, parte da afirmação da dor e da mudança como única possibilidade de uma relação não desonesta com a vida.

*Com esse conhecimento se introduz uma cultura que me atrevo a denominar trágica: cuja característica mais importante é que, para o lugar da ciência como alvo supremo, se empurra a sabedoria, a qual não iludida pelos sedutores desvios das ciências, volta-se com olhar fixo para a imagem conjunta do mundo, e com um sentimento simpático de amor procura apreender nela o eterno sofrimento como sofrimento próprio. Imaginemos uma geração assim crescer com esse destemor no olhar, com esse heróico pendor para o descomunal, imaginemos o passo arrojado desses matadores de dragões, a orgulhosa temeridade com que dão as costas a todas as doutrinas da fraqueza pregadas pelo otimismo, a fim de “viver resolutamente” na completude e na plenitude: não seria necessário, porventura, que o homem trágico dessa cultura, na sua auto-educação para o sério e para o horror, devesse desejar uma nova arte...*⁷³

Ao Super-homem foi delegada a tarefa de recolocar-se no mundo, deixando para trás os equívocos construídos ao longo da história. O Super-homem é aquele que ultrapassou o modo equivocado de viver e de perceber a realidade; neste sentido é aquele que não mais precisa procurar atrás das estrelas um sentido. Este sentido, agora ele o sabe, é criação humana e como tal pode ser feito, repensado em novas bases. Depois da morte de Deus e do advento do niilismo, Zaratustra promete o Super-homem como novo horizonte.

Mas será que, eliminada a idéia de Deus como sustentáculo de todas as elucubrações que a fraqueza humana foi capaz de criar, conseguirá de fato o Super-homem pensado por Nietzsche suplantar a falta do Deus morto e a gratuidade da vida? Uma coisa não seria a exigência de desmistificação das verdades eternas acreditadas por tanto tempo e

⁷³ NIETZSCHE Friedrich Wilhelm. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.111.

a tarefa de refazer a vida de maneira não mais alienada e outra completamente diferente não seria a crença que o homem, esse produto histórico, como o filósofo mesmo defende, criado e alimentado na busca de sentidos, seja capaz de amar o seu destino, aceitar que é filho do acaso e esperar a morte como certeza indubitável? Conseguirá o Super-homem se desfazer completamente das influências da metafísica grega e cristã assumidas por mais de dois mil anos e imprimir de fato um novo recomeço? É mesmo possível que pela compreensão do mundo como eterno retorno o homem ame a vida assim como ela é? Teria o próprio filósofo conseguido tal proeza?

No capítulo que segue tentaremos caracterizar o tipo superior de homem defendido por Nietzsche e as possíveis condições de efetivação da transvaloração proposta por ele.

CAPÍTULO 4

SUPERAÇÃO

Ao apontar e identificar os traços distintivos e embrionários do fenômeno do niilismo desde Platão, Nietzsche contrapõe a Grécia arcaica como modelo privilegiado em comparação ao que ele vai apontar a partir de Sócrates como o início de uma vida decadente. *O heleno com o seu profundo sentido das coisas....mirou com olhar cortante bem no meio da terrível ação destrutiva da assim chamada história universal, assim como da crueldade da natureza....Ele é salvo pela arte, e através da arte salva-se nele - a vida*⁷⁴

⁷⁴Ibidem, idem .p 55.

Foi pela capacidade de criar que os gregos se livraram da vontade de nada e dos perigos da sabedoria pessimista. A criação foi conseqüência de uma profundíssima necessidade. Durante algum tempo, os perigos foram representados não só por aquela sabedoria pessimista, mas também por ameaças advindas de fronteiras distantes, trazidas por festividades bárbaras orgiásticas, nas quais sob o total desenfreamento sexual, rompiam-se todos os limites impostos pela cultura aos homens.

É dessa capacidade de unir as forças impetuosas do dionisíaco e a medida apolíneas, que nasce a obra de arte da tragédia ática. Para Nietzsche emblema maior do sucesso alcançado por uma sabedoria da ilusão e da arte, que ele acredita ser necessário resgatar.⁷⁵

O sentimento trágico da vida é antes a aceitação da vida, a jubilosa adesão também ao horrível e ao medonho, a morte e ao declínio...o patético trágico alimenta-se do saber que tudo é uno. Vida e morte são irmãs gêmeas, arrastadas num ciclo misterioso; quando uma coisa sobe, outra desce.⁷⁶ No entanto, desde Sócrates, em contraposição à melhor época da Grécia, *‘todos os filósofos gregos são filósofos da moral’*.

Ao negarem o mundo do vir- a- ser os filósofos da tradição inventaram o ideal de mundo verdadeiro, atribuindo valor supremo à verdade. A morte, a mudança, a idade, do mesmo modo que a geração e o crescimento são para eles objeções- e até refutações. O que é não vem - a- ser; o que vem a ser não é...agora, eles acreditam todos, mesmo com desespero no Ser⁷⁷

A Grécia arcaica é modelo privilegiado porque o seu povo soube administrar de um modo diferente a perplexidade da condição humana. O filósofo viu nos gregos, além de uma propensão aguçada para o sofrimento advinda da força de seus instintos, uma capacidade admirável para a arte. O grego que conhecia e se assustava com o poder

⁷⁵RODRIGUES, Luzia Gontijo. *Nietzsche e os Gregos: Arte e “mal-estar” na Cultura*. 2 ed. São Paulo: AnaBlunne, 2003.p16.

⁷⁶FINK.op.cit1988 p.18

⁷⁷NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos* ou como filosofar com o martelo; trad. Marco Antônio Casa Nova –Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2000 –A Razão na filosofia pág.25

destruidor da natureza, desenvolveu, portanto a capacidade criadora que se tornou inclusive uma necessidade. *Arte e religião para os gregos...são idênticas, o mesmo instinto que produz a arte produz a religião* ⁷⁸.

Ambas são criações humanas para aliviar a dor, uma forma de aliviar os terrores da existência. Mas, por que teria o filósofo rejeitado tanto o cristianismo e elogiado a criação dos deuses olímpicos? Defende que conceber deuses não tem necessariamente que conduzir o homem para a crucificação, anulando-o, mortificando-o como fez nos últimos milênios os europeus com maestria. Certamente que existem maneiras mais nobres de se utilizar a invenção de deuses.

_ isto se pode felizmente concluir, a todo olhar lançado aos deuses gregos, esses reflexos de homens nobres e senhores de si, nos quais o animal no homem se sentia divinizado e não se dilacerava, não se enraivecia consigo mesmo! Por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a "má consciência", para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário, portanto, ao uso que o cristianismo fez do seu Deus. ⁷⁹

Na Grécia arcaica, por exemplo, a noção de culpa carregava um sentido completamente diverso daquele que mais tarde, o mundo ocidental lhe daria: estava associada à idéia de delito, mas como algo que pertence à vida, não sendo depositada em ninguém em especial.

A culpa, na Grécia arcaica, era deslocada para esferas distantes, desconhecidas, libertando o homem do seu peso moral.

⁷⁸ MACHADO, Roberto. Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p.22.

⁷⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral : Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.23.

Essa era uma das grandes vantagens do mundo trágico. Para o filósofo, criar é colocar a realidade como devir; isto é, aos olhos do criador não há mundo sensível já realizado onde é preciso se integrar.

É em *O Nascimento da Tragédia* que Nietzsche formula sua visão do Ser, no entanto, o livro é encarado como romântico, por não tratar de maneira conceptualizada o fenômeno estético. *O Nascimento da Tragédia* é uma produção de sua primeira fase. Nietzsche o chama uma metafísica de artista. No fenômeno do trágico percebe a verdadeira natureza da realidade; o tema estético adquire, a seus olhos, a condição de princípio ontológico fundamental; a arte, a poesia trágica torna-se para ele a chave que lhe abre a vida essencial do mundo. A arte é a via de acesso a compreensão mais original.⁸⁰

Nesta fase, a religião (no sentido grego), a metafísica e a arte eram vistas como maneiras de acesso ao coração do mundo, infinitamente superiores à ciência. É assim que o filósofo vê a possibilidade de renascimento dessa cultura trágica refletidas em Schopenhauer e na música de Wagner. Mas, esta esperança se desfaz consideravelmente na segunda fase de seu pensamento, nesta fase tudo se inverte.

Helenismo, Schopenhauer e Wagner representavam o supremo resgate da compreensão essencial. Isto muda consideravelmente na segunda fase, nela tudo se inverte: a ciência, a reflexão crítica, a desconfiança metódica tomam o comando, a metafísica a religião e a arte estão à mercê das sentenças daquelas. Agora são ilusões que é preciso desfazer. O socratismo não é mais desprezado. É um desmistificador.⁸¹

⁸⁰FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche* trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto 2 ed, Lisboa, 1988 Editora Presença. p. 16

⁸¹ Ibidem , Idem, p. 16

Mas, segundo Fink o seu hino à ciência deve ser acolhido com prudentes reservas, pois o filósofo em nenhum momento se refere a nenhuma das ciências positivas. Trata-se de uma consideração científica num âmbito mais geral de interrogação e de investigação crítica, definido como algo bastante aproximativo. Quando o *espírito livre*, figura que representa esta fase, glorifica a ciência, não esquece que ela mesma é um problema. Segundo Roberto Machado o positivismo é encarado pelo filósofo apenas como um meio de desmistificação e libertação das tradições.

Schopenhauer e Wagner foram vistos inicialmente como portas bandeira desse novo tempo. O primeiro é o destruidor-libertador, o espírito livre, que se põe como gênio contra a fraqueza da época e conhece, desse modo, a natureza em sua força inteira.

Schopenhauer é considerado mestre porque põe com coragem e destemor a pergunta pelo sentido da existência e foi, na leitura do filósofo o primeiro a afirmar ser a crença na existência de Deus e na ordenação do mundo um engodo. Todavia, Nietzsche decepciona-se com a solução encontrada por ele para aplinar a dor. As primeiras ocorrências do termo espírito livre datam da época do *Nascimento da Tragédia* e é a Schopenhauer que Nietzsche atribui na maior parte das vezes este título.

Assim, se no momento em que escreve sua primeira obra o filósofo demonstra muita esperança de ver renascer uma cultura trágica que seria fomentada pela música de Wagner e pelo pensamento profundo e destemido de Schopenhauer, logo sua esperança cai por terra. Diz no prólogo do *Caso Wagner* que o mesmo foi para ele uma de suas doenças, da qual conseguiu se curar. Compreende nesse sentido, que Wagner representou a má consciência do seu tempo

Em *A Gaia Ciência* confessa:

talvez seja lembrado, ao menos entre meus amigos, que de início me lancei sobre esse mundo moderno com alguns grossos erros e superestimações, e em todo caso com esperanças...interpretei a música alemã como se exprimisse uma potência dionisíaca da alma alemã: nela acreditei ouvir o terremoto com que uma força primordial, há muito represada, finalmente se desafoga...vê-se que então compreendi mal⁸²

A desilusão em relação a seus mestres significou a ruína e a destruição de suas mais sagradas esperanças. Ambos que poderiam ser os maiores representantes desse novo tempo passam a ser considerados não mais espíritos livres, mas espíritos aprisionados à metafísica e a arte. No entanto, essas decepções não são suficientes para fazer Nietzsche desistir do seu projeto. Depois do afastamento de Wagner e do pensamento de Schopenhauer, ele passa por um período de transição que o transportará para uma nova fase. No prólogo de *Humano Demasiado Humano* declara-se não só desolado pela decepção, mas ainda e como sempre, esperançoso no raiar de uma nova aurora, capaz de trazer espíritos de fato superiores “que um dia poderão existir tais espíritos livres, que a nossa Europa terá esses colegas ágeis e audazes entre os seus filhos de amanhã, em carne e osso e palpáveis...disso serei o último a duvidar.⁸³ O próprio filósofo julga-se agora, depois da grande libertação, um espírito livre, aquele que divergiu do seu tempo, aquele que é exceção.

O espírito livre é aquele que alimenta o espírito modesto e cauteloso da ciência, mas diferentemente do artista e do gênio antes valorizados, não alimenta idéias metafísicas e ilusões, pois o espírito científico repousa na compreensão do método, e os resultados todos da ciência não poderiam impedir um novo triunfo da superstição e do contra-senso,

⁸²NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 272 af.370

⁸³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.p.9

caso esses métodos se perdessem. A ciência, portanto, ocupará papel importante neste momento, nesta nova fase, ela será a grande desmistificadora e destruidora de ilusões. Era preciso agora viver sem ilusões românticas e metafísicas, ilusões das quais o filósofo julgou-se vítima em sua época de juventude.

Em detrimento de uma forma mais artística de vida, Sócrates e Platão teriam plantado então uma visão moral do mundo, visão esta, que esteve presente, de diversos modos, por toda a história; e como vimos, inclusive na modernidade. Sócrates é o inventor do homem teórico e pela idéia teria dado início a um novo ideal de homem. Este novo ideal está baseado na construção do homem que domina a vida pelo intelecto, que aprende a separar vida e pensamento. Nietzsche, como pode aparentemente parecer, não nega a racionalidade de todas as formas, mas aquela que é tirana. Sócrates fez da razão um tirano, e sua equação Razão = Virtude = Felicidade é um erro que fez incontáveis vítimas.

Com Sócrates teria nascido a quimera de que o pensamento poderia, seguindo o fio condutor da causalidade, atingir os mais profundos abismos do ser. É assim que o *Nascimento da Tragédia* surge no contexto filosófico do pensamento nietzschiano com dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão e a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas ...como alternativa a racionalidade.⁸⁴

Era preciso então se interessar pelo subsolo pessoal do humano, elucidar as convenções que a ele se incorporaram, e sob as quais assentam sua vida, seus valores, suas ações. Nietzsche exigiu que se reconhecesse a falha hereditária dos filósofos, ao tomarem o homem presente como aquele que é e sempre foi. O filósofo lembra que o que temos enquanto conceito de homem é apenas o resultado de circunstâncias históricas e processos

⁸⁴MACHADO, Roberto. *Zarathustra: Tragédia nietzschiana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.p.11

culturais. Para favorecer o advento dos homens superiores é preciso repensar o modo de encarar a vida, o conhecimento e o próprio homem.

De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem. A mim me parece...que não existem coisas que mais compensem serem levadas a sério: sua recompensa está, por exemplo, em que talvez se possa um dia levá-las na brincadeira, na jovialidade.⁸⁵

A moral, ou a interpretação moralista do mundo teria sido o grande erro que agora descoberto promete uma nova aurora. Por isso, o filósofo quis se deter na coisa documentada, no efetivamente constatável, no realmente havido, ou seja, na “quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!”

Nietzsche acusa os historiadores, e neste caso a crítica é endereçada aos ingleses, de falta de sentido histórico, acusando-os de terem, quando do tratamento da moral, o prazer de colocar em evidência o lado vergonhoso do nosso mundo interior e encontrar um elemento operante, normativo para controlar. Vale lembrar que no prólogo da *Genealogia da Moral*, diz que o primeiro impulso para divulgar suas idéias foi o livro *A Origem das impressões morais* do Dr. Paul Rée. Diz abertamente o quanto rejeitou do começo ao fim toda a obra. Acusa o texto de venenoso, enraivecido e principalmente equivocado. Por exemplo, lembra o filósofo na primeira dissertação que as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem, temos aí o hábito, o erro, tudo servindo de base a uma valoração, no entanto o filósofo demonstra que o juízo bom não proveio daqueles aos quais se faz o bem! Foram os bons mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em oposição e pensamento que se sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, sendo

⁸⁵NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.13.

tudo diferente; inferior e plebeu. Assim fica claro que a palavra bom não é ligada necessariamente a ações “não egoístas” como quer a superstição daqueles genealogistas da moral. Neste caso o equívoco estaria ligado a toda valoração que considera apenas os miseráveis, os impotentes e sofrendores como bons.

É por medo dos valores aristocráticos que se divinizou os valores dos fracos. Os juízos de valor cavalheiresco, aristocrático tem como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente... juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente. A denúncia de Nietzsche é no sentido de mostrar como a possibilidade de superioridade humana, desde sempre foi afastada em favor de uma constituição mesquinha e niveladora do homem. Os bem sucedidos, os nobres e os poderosos foram vistos sempre como os malditos e desventurados. Por isso estamos cansados, pois este homem cansa, esta visão cansa....Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre. A visão do homem agora cansa - o que é hoje o niilismo, senão isto?

Criar um homem capaz de prometer custou caro à saúde do próprio homem, pois precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde forte, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória com cujo auxílio o esquecimento é suspenso...esta é a longa história da origem da responsabilidade.⁸⁶

O que se fez ao longo da história com o próprio homem ao transformá-lo num ser capaz de prometer? A tarefa era mais precisamente torná-lo até certo ponto uniforme, igual, constante e por isso mesmo confiável. Eis o que o filósofo descreveu em *Aurora* como moralidade do costume. E o objetivo? foi conquistado!..com a ajuda da moralidade do

⁸⁶Ibidem, idem, p.148.

costume e da camisa de força social, o homem foi realmente tornado confiável. E isto é o que chamam de “melhoramento do homem”. No entanto, é preciso deixar claro quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as “coisas boas”⁸⁷

Posto isto, o filósofo foi enfático ao afirmar que necessitávamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores precisava ser colocado em questão e para isso foi necessário conhecer as circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram. Na segunda dissertação de sua *Genealogia da Moral* faz uma digressão histórica para mostrar o quanto os valores ocidentais ainda estão permeados por modos de relações bastante primitivos. Mostra como a relação de direito privado entre devedor e credor, na comunidade primitiva tribal foi experimentada numa relação entre os vivos e seus antepassados. Existiu na originária comunidade tribal uma obrigação jurídica que ultrapassava qualquer mero vínculo de sentimento, lá existia a convicção de que a comunidade subsistia graças aos sacrifícios e as realizações dos antepassados, e de que é preciso pagar a concessão à vida com sacrifícios.

*Imaginemos essa espécie de lógica conduzida até o fim: os ancestrais das estirpes mais poderosas deverão afinal, por força da fantasia, do temor crescente, assumir proporções gigantescas e desaparecer na treva de uma dimensão divina inquietante e inconcebível— o ancestral termina transfigurado em Deus. Talvez esteja nisso a origem dos Deuses, uma origem no medo, portanto.*⁸⁸

A tese do filósofo é de que a consciência de ter dívidas para com a divindade não se extinguiu após o declínio da forma de organização dessas comunidades. O cristianismo teria se aproveitado de tal situação e prolongado o ar de hospício que já por tanto tempo perdurou no mundo. É preciso ter senso histórico para perceber o quanto custou nesse mundo a construção de cada ideal. Quanta realidade teve de ser denegrida e negada, quanta

⁸⁷Ibidem, idem p.49.

⁸⁸Ibidem, idem. p.78.

mentira teve de ser santificada, quanta consciência transtornada, quanto “Deus” sacrificado?...*nós, homens modernos, somos os herdeiros da viviseção de consciência e da auto experimentação de milênios.*⁸⁹ Então já por tempo demais o homem considerou a sua natureza como algo ruim. É preciso agora, uma reação inversa. Mas quem é forte o bastante para isso? Pergunta o filósofo. Ele mesmo responde: seria preciso uma nova espécie de espíritos...espíritos fortalecidos por guerras e vitórias, para os quais a conquista, o perigo e a dor se tornaram até mesmo necessidade.

O tempo de Nietzsche parecia aos seus olhos um tempo que dificilmente ofereceria esses novos homens. Alimenta, no entanto, a esperança de um dia ser possível florescer a vida em novas bases. Alimenta a esperança de ver nascer o homem redentor, o homem do grande amor, que tenha espírito criador e que será capaz de afastar de si mesmo todo desejo de transcendência. Qualquer transcendência agora só poderá ser pensada na imanência. Este homem certamente será incompreendido pelo povo porque preferirá isolar-se muitas vezes para poder revigorar-se. Este homem libertaria não só a si mesmo como também seria espelho para a humanidade, devolveria para a terra a sua finalidade e ao próprio homem sua esperança. A sua vontade seria novamente livre, livre do grande nojo da vontade de nada e do niilismo. Este homem acredita o filósofo, há de surgir um dia.

O projeto filosófico nietzschiano se justifica pela necessidade premente de investigação e de esclarecimento dessas questões, estes esclarecimentos facilitaram a libertação do homem em direção a uma vida não mais moralizada e mais soberana, este será o fruto mais maduro. Neste homem encontraremos uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de

⁸⁹Ibidem, idem, p.83.

realização... e com esse domínio sobre si, lhe é dado o domínio sobre as circunstâncias.⁹⁰

Mas, quem é o Super-homem de Nietzsche, quais as possibilidades de seu surgimento?

Caminhamos em direção a sua efetividade ou seria ele apenas mais um ideal?

4.1 Super-homem: uma exigência ou uma realidade?

Pesquisas nos indicam origens não nietzschianas do termo Super-homem. Antes de Nietzsche o termo aparece em Höderlin, Novalis, Heine, Heinrich Muller, Herder, Jean Paul e Goethe.⁹¹ No entanto é com Nietzsche que o termo ganha destaque e popularidade.

Ao longo do pensamento nietzschiano, podemos constatar a distinção sempre presente de dois tipos de homens. O homem fraco e o homem forte. O homem fraco, ao longo das obras é também chamado de último homem, de decadente e escravo. O homem forte é tratado também como senhor, aristocrata, espírito livre e Super-homem. Estes dois tipos viveriam mantendo dois tipos de morais. Por isso o filósofo pode dizer que: *Numa perambulação pelas muitas morais... uma diferença fundamental sobressaiu. Há uma moral dos senhores e uma moral de escravos*⁹². Todavia esta forma de percepção de um tipo forte e fraco, deve ser encarada a rigor apenas como forma didática, pois como o filósofo esclarece em *Além do Bem e do Mal* que em todas as culturas superiores e mais misturadas, aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais, e, com ainda maior freqüência, confusão das mesmas e incompreensão. Por vezes inclusive, dura

⁹⁰Ibidem, idem p.51.

⁹¹MACHADO, Roberto. *Zaratustra: Tragédia nietzschiana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 52

⁹²NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 260.

coexistência – até mesmo num homem, no interior de uma só alma. É importante registrar que embora as características dos fortes e dos fracos coexistam em um mesmo tipo, a predominância de um dos aspectos é o que possibilita a caracterização tipológica.

O tipo fraco vem à tona por causa de uma desorganização interna dos impulsos. Acontece nesses casos um predomínio dos impulsos fracos reativos sobre os fortes e ativos. Isto se dá sempre que a vontade de poder começa a declinar, sob qualquer forma que seja, acarreta sempre, como consequência, um declínio fisiológico uma decadência.⁹³

O fraco e o forte como pode parecer, não são resultados de uma essência intrínseca, mas sim da forma pela qual cada um organiza seus impulsos e suas vontades, deslegitimando leituras que consideram a tipologia como fruto de processos genéticos e biológicos estanques. A criação dos tipos, de uma maneira geral, parece depender de fatores históricos; em que pesem a deliberação e a vontade dos indivíduos.

Tal tese no entanto, parece carregar ambigüidades. Isto podemos perceber a partir de textos nietzschianos, em que Nietzsche expõe a criação dos tipos a partir de uma determinação natural: *“A natureza...é que separa os homens da preponderância intelectual, os de preponderância muscular e de temperamentos fortes e os que não se distinguem por preponderância alguma, os terceiros, os medianos; os últimos constituem o maior número, os primeiros são a elite.”*

No entanto, em outras passagens, o filósofo parece deixar claro que é a deliberação que de fato caracterizará o que poderemos chamar de tipo fraco e tipo forte. É bastante citada a passagem onde o filósofo diz que se tornou a sua real medida de valor, saber quanta verdade ousa um espírito. Outro aforismo significativo neste caso é o de *A Gaia Ciência*, aforismo 347 onde Nietzsche compreende que:

⁹³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, p18.

*A fé sempre é mais desejada, mais urgentemente necessitada, quando falta a vontade: pois a vontade é, enquanto afeto de comando, o decisivo emblema da soberania e da força. Ou seja, quanto menos sabe alguém comandar, tanto mais anseia por alguém que comande ...por um Deus, um príncipe, uma classe, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência partidária.*⁹⁴

Como diz em *Além do Bem e do Mal* a aspiração mais profunda do fraco é que um dia tenha fim a guerra que ele é. O fraco então deseja apenas paz, é resignado; tem raiva do forte pois o culpa por sua irrealização, o olhar do fraco não é favorável as virtudes do poderoso.⁹⁵

No entanto, como pode parecer, o fraco não é sempre subordinado ao forte, ou seja, geralmente o fraco não se subordina ao forte, o fraco ao tomar o poder, não perde seu status de fraco; antes se fortalece mediante o poder da reação: as forças reativas, ao levarem a melhor, não deixam de ser reativas.

Porque, em todas as coisas, segundo Nietzsche, trata-se de uma tipologia qualitativa, trata-se de baixa e de nobreza. Os nossos senhores são escravos que triunfam num devir-escravo universal. Deve-se evitar, assim, o contra-senso, quanto a interpretação dos fortes e fracos, mediante a qual se crê que os mais poderosos, num regime social são, por isso, os fortes.⁹⁶

O homem forte ao contrário do fraco não foge das regiões onde é duro viver, tem coragem para o proibido, desconfia que lá pode estar o seu tesouro, aceita a contradição e a guerra que percebe em si próprio como um estímulo a mais de vida. Como diz no aforismo 200 de *Além do Bem e do Mal*, ao contrário do fraco que sucumbe aos perigos, o forte sabe

⁹⁴NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.af..347.

⁹⁵NIETZSCHE, op. cit.,1992 aforismo 260.

⁹⁶OLIVEIRA JÚNIOR, José Amorim. *Nietzsche: Super – homem e Superação- Uma Abordagem Política*. Goiânia: Alternativa, 2004.p.116.

que é o desafio e a luta condição básica, para chegar a possibilidades ainda não experimentadas. Se o tipo superior encontrou ao longo da história entraves para surgir foi por culpa dos “bons”, por isso o filósofo pode dizer que nega o tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado

*Os bons - eles não podem criar, eles são sempre o começo do fim- eles crucificam aqueles que escrevem novos valores em novas tábuas, eles crucificam todo o futuro dos homens! Os bons - foram sempre o começo do fim ...e sejam quais forem os danos que possam causar os caluniadores do mundo, o dano dos bons é o mais danoso dos danos...*⁹⁷

Ao longo do texto, apresenta Zaratustra como o primeiro psicólogo dos bons, e em consequência um amigo dos maus, e lembra que se a espécie decadente de homem ascendeu à posição de espécie suprema, isso pôde acontecer somente à custa da espécie contrária, à espécie forte e segura da vida, e sentencia que o tipo de homem que Zaratustra anuncia é um tipo relativamente sobre-humano e é sobre-humano justamente em relação aos que são chamados bons, e sem nenhuma dúvida, esses bons e justos chamariam de demônio o seu Super-homem.

O filósofo em sua crítica mordaz às falsas morais foi buscar apoio inclusive em Jesus de Nazaré. Diz ele: *Jesus de Nazaré amava os maus, mas não os bons: contemplar a indignação moral destes fazia que até mesmo ele praguejasse. Por toda parte em que se julgava, ele tomava partido contra os julgadores: ele queria ser o aniquilador da moral.*⁹⁸

Embora o filósofo defenda incansavelmente a superação de um tipo medíocre que existe em maior quantidade que o tipo superior, ele defende também que tal superioridade

⁹⁷NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce Homo: Como Alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.112.

⁹⁸NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Fragmentos do Espólio*. Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: UNB,2004.p74

jamais será alcançada por todos porque *um povo é um rodeio que faz a natureza para chegar a seis ou sete grandes homens*.⁹⁹

No pensamento nietzschiano o Super-homem é o resultado de um processo. Este processo nada tem a ver com um desenrolar teleológico que almejasse um fim já previsto ou pensado. Quando Nietzsche defende a idéia de um homem-superior não sabe ainda que dimensões ele pode atingir, ou de fato quem ele é.

O que parece claro a ele, é que o Super-homem é aquele que superou o homem comum, o homem moderno, o homem do rebanho¹⁰⁰. Gênio e espírito livre são a gênese do Super-homem. Os três tipos fazem parte da teoria nietzschiana acerca da criação de uma cultura e de um tipo de homem mais elevado, cuja seqüência é a seguinte:

O gênio é um termo extraído de Schopenhauer e é utilizado no primeiro e no segundo período da filosofia de Nietzsche. O conhecimento do gênio está mediado pela metafísica, pela arte e pela religião. *O Nascimento da Tragédia* é a obra mais importante deste período.

A idéia do Espírito livre é elaborada no segundo período e utilizado principalmente em *Humano Demasiado Humano*. O Espírito livre é influenciado pelo positivismo e coloca sob suspeita tudo o que antes acreditava.

O Super-homem é um termo que aparece pela primeira vez em *Assim Falou Zaratustra*. O Super-homem busca uma forma de conhecimento experimentalista e perspectivista, sem comprometimento com a verdade e sim com a intensificação da vida. O Super-homem possui uma série de pontos em comum com os outros tipos. Porém, as

⁹⁹NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.126.

¹⁰⁰ Como observou Heidegger, não se deve imaginar essa figura com um ser prodigioso que desenvolveu espetacularmente as faculdades do homem comum, mas como alguém que “supera” o homem tradicional na medida em que põe de lado as atitudes, as crenças e os valores desse último e tem a capacidade de criar novos valores. Citado por VOLPI op. Cit, 1999, p.63

qualidades e características mais elevadas que nos tipos anteriores estão presentes de forma esparsa encontram-se reunidas, e integradas neste tipo superior. No entanto, o Super-homem carregaria consigo uma prerrogativa a mais, em relação ao gênio e espírito livre

Quando Nietzsche escrevia sobre Gênio e espírito livre ainda não tinha gerado a noção fundamental de eterno retorno. Há um salto em sua teoria quando pensa o eterno retorno. O super-homem é aparentado ao gênio e ao espírito livre mas os supera pela confirmação do eterno retorno...é a prova abissal que, após a sua experiência, aceitação e afirmação, leva o homem a viver a vida num estado maravilhoso; como no relato do pastor de Zaratustra ...o super homem é, de alguma forma, parente das noções de Gênio e espírito livre, todos eles criadores e críticos da cultura mas ultrapassa-os ...pela afirmação do eterno retorno.¹⁰¹

No aforismo 341 de *A Gaia Ciência* é anunciado o pensamento que o filósofo chamou de ‘O mais pesado dos pesos’, qual seja: o pensamento do eterno retorno. Ele diz:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais dolorosa solidão e dissesse: ‘Esta vida, como você a esta vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer...a perene ampulheta do existir será sempre virada novamente - e você com ela, partícula de poeira. Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso no qual lhe responderia: ‘Você é um Deus e jamais ouvi coisa tão divina!’

Em suas primeiras formulações, no entanto o pensamento do eterno retorno não é visto, a princípio, como a fórmula suprema de afirmação como aparece em *A Gaia Ciência*, o eterno retorno só é assumido depois em *Assim Falou Zaratustra*. O além do homem, conceito posterior ao do eterno retorno, neste sentido, seria trazido à luz para suportar o eterno retorno¹⁰².

O Super-homem seria então aquele, que ao passar pela experiência do que poderia ser o maior dos pesos não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria quem assim lhe

¹⁰¹ BARREMECHEA, Miguel Angel. *Notas sobre Política nietzschiana*. Mensagem recebido por amorim@sebrege.com.br em abr.2003.p.2

¹⁰² ARALDI, op. cit.,2004,p.301.

anunciou tal verdade, mas lhe diria que quem assim vos falou é um Deus e que nunca ouvira coisa tão divina. E isto é possível, porque existem para Nietzsche, dois tipos de sofredores, aqueles que conhecem o lado sombrio da vida e quer transfigurar tudo o que conhecem, numa visão trágica da vida - neste caso sofrem de abundância de vida; amam a vida assim como ela é, e diriam que tudo poderia retornar novamente, pois do mesmo modo amaria tudo outra vez; e os que sofrem de empobrecimento de vida, são aqueles que fugindo do que conhecem buscam paz, calma e redenção mediante o conhecimento do lado caótico do mundo. Seu ensinamento diz:

*viver de tal modo que tenhas de desejar viver outra vez...pois assim será em todo caso! Quem encontra no esforço o mais alto sentimento, que se esforça; quem encontra no repouso o mais alto sentimento, que repouse; quem encontra em subordinar-se, seguir, obedecer, o mais alto sentimento, que obedeça. Mas que tome consciência do que é que lhe dá o mais alto sentimento e não receie nenhum meio! Isso vale a eternidade!*¹⁰³

Assim ao tratar da questão do pessimismo Nietzsche tem o cuidado de fazer algumas distinções. O mais rico em plenitude de vida, o homem dionisíaco, o Super-homem se permite a visão terrível e caótica do mundo... nele o mal, sem sentido e feio parece como que permitido, em virtude de um excedente de forças geradoras, fertilizadoras, capaz de transformar todo deserto em exuberante pomar.¹⁰⁴

É importante lembrar que na medida em que mesmo o mais forte não está desligado do fluxo eterno do vir a ser, ele também estará sempre em perigo, pois sua posição nunca será definitiva ou estática. Por isto, a vontade de ir além de si mesmo não exclui o ocaso, a vontade de sucumbir. Por isto Nietzsche pode dizer:

¹⁰³NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. Coleção Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.p.390.

¹⁰⁴ NIETZSCHE,op. cit.,2001,p.370

Ainda prefiro o meu ocaso a renunciar a essa única coisa; e, em verdade, onde há ocaso e cair de folhas, sim, é ali que a vida se sacrifica - pelo poder! Que eu deva ser luta e devir e finalidade e contradição das finalidades: há, quem adivinha a minha vontade, certamente adivinha, também que caminhos tortuosos ela deve percorrer.¹⁰⁵

De outro modo o que mais sofre, o mais pobre de vida, precisa de um Deus para doentes, um salvador. É nesta mesma linha que a sua crítica da racionalidade a qualquer preço se dá: pois a lógica tranqüiliza, dá confiança.

É assim que Nietzsche distingue um pessimismo que é expressão da fraqueza e neste caso ele é denominado pessimismo romântico cuja mais expressiva forma são, a filosofia da vontade de Schopenhauer e a música Wagneriana, e o pessimismo que é expressão da força, da coragem, neste caso ele é denominado pessimismo dionisíaco. A assertiva do filósofo então é: não temos mais um Deus que nos ajuda: é nossa inteligência que deve decidir. Em suma, o próprio homem deve tomar nas mãos o governo terreno da humanidade, sua “onisciência” tem que velar com olho atento o destino da cultura.¹⁰⁶

Em *Schopenhauer Como Educador* Nietzsche fala do perigo que corre um pensador que procura o que é mais enigmático no existir. Além de estar condenado a solidão, corre perigo por ser um grande acumulador de forças históricas e fisiológicas. Em *Crepúsculo dos Ídolos* diz que poucos de nós têm coragem para o que propriamente sabe. E fala do seu destemor quanto ao fato de ser terrível a sua verdade e do espanto que causa porque até agora se chamou de verdade somente a mentira e lamenta o seu destino de ter que ver as questões de todos os tempos de modo mais fundo, do que até agora um ser humano foi obrigado a descobrir e desvelar.

¹⁰⁵NIETZSCHE,, op. cit.,2000,p.146.

¹⁰⁶NIETZSCHE, op. cit.,2000,p.245.

Aceitar os desvãos da metafísica aparece, portanto, como um sintoma de decadência, de autopreservação. Nestas circunstâncias, evita-se a angústia que provém da incerteza, e da falta de finalidade. Paradoxalmente, uma vida que quer preservar-se de fato, não pode negar o que a sustenta e a caracteriza, inclusive porque nesta nova perspectiva viver não significa simplesmente sobreviver, mas aceitar sem amargura a dor, a mudança, a morte. Além do mais, a recusa histórica do mundo como devir será assim compreendida:

*...ao agir, introduzimos sentido naquilo sobre o qual se debruça nossa ação; agimos e assim nossa ação doa sentido – não qualquer sentido, mas um que seja expressão de um querer próprio daquela ação a partir de seu sentido. A esse querer Nietzsche denominará vontade de potência. Por isso, compreender uma ação a partir do seu sentido interno é compreendê-la como vontade de potência. Sendo assim ao se perguntar sobre o sentido de uma ação, pergunta-se necessariamente pelo seu querer.*¹⁰⁷

Nossas atitudes, interpretações e posturas são sempre uma ‘sintomatologia’ ou manifestações de um estado de saúde ou de doença que Nietzsche não hesitará em usar e abusar para emitir diagnóstico. O critério de valor é a vida, ou seja, tudo que a nutre e a intensifica deve ser buscado e, pelo contrário, tudo que a enfraquece deve ser refutado. Mas, se devemos ainda perguntar “o que é a vida? O filósofo responde que é vontade de potência. Neste caso, a vida em seu processo dinâmico do devir é que daria o valor de todo e qualquer pensamento ou conhecimento¹⁰⁸.

¹⁰⁷MORAIS, 1999 parte II parágrafo gramatical 10 texto retirado da internet

¹⁰⁸Durante dez anos Nietzsche foi professor e durante esse tempo percebeu as imensas dificuldades encontradas na educação como possível viabilizadora do homem superior. Angustiado com o que via, critica a relação estabelecida na escola entre vida e conhecimento e acusa os professores da época de serem meros repetidores de conteúdos históricos. Para ele faltava a esses professores a proeza da criação. É neste sentido que desenvolve o conceito de filisteu da cultura como homem de rebanho que só consegue criar rebanho. Os filisteus da cultura além de não serem cultos tem a ilusão de sê-lo. Incapazes de criar, só fazem imitar. Ensinam o consumo sem criação. Neste sentido, Nietzsche denuncia que a cultura é submetida às leis que regem as relações comerciais. Em carta escrita a Rohde em 15/12/1870 fala da triste constatação de que na universidade de seu tempo não há lugar para um indivíduo radicalmente autêntico e de que nada de verdadeiramente revolucionário poderá ter aí o seu ponto de partida. O saber para o filósofo não podia se configurar num simples acúmulo de conhecimento. Embora o conhecimento da história das idéias seja

Nietzsche defende a necessidade da coragem e da ousadia para se desprender-se da moda do rebanho, no entanto, esta não é uma tarefa fácil porque ela pressupõe o que a educação não tem garantido para os jovens, ou seja, mestres de verdade e afirma:

*Ninguém mais se encontra livre para dar na Alemanha atual, uma educação nobre para suas crianças: nossas escolas “superiores” estão todas elas direcionadas pela mediocridade mais ambígua,... E por toda a parte reina uma pressa indecente como se fosse uma falta grave para o homem jovem ainda não estar “pronto” aos 23 anos, ainda não saber responder à “pergunta principal”: que profissão escolher? Nossos ginásios apinhados, nossos professores de ginásios sobrecarregados e tornados estúpidos são um escândalo.*¹⁰⁹

Defende que todo educador deveria ter clareza de que sua tarefa principal consiste, em se tornar supérfluo. Nesta mesma linha de pensamento Zaratustra defende que se retribui mal a um mestre continuando-se sempre discípulo. Os educadores precisam ser apenas libertadores, criando as condições propícias para a libertação de seus educandos.

*Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu. Existem, por certo, inúmeras veredas e pontes e semi deuses que se ofereceram para levar-te do outro lado do rio; mas isto te custaria a tua própria pessoa: tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes segue-o*¹¹⁰

Todo o esforço do filósofo é no sentido de estimular estados mais completos de realizações humanas. Que se darão pela expansão da força que o homem é capaz de liberar ou de simplesmente acolher. Se o que é grande no homem é ele ser uma meta, não pode acuí-lo um efeito moral que apenas submete-o sem nunca afirmá-lo. Salvem seu gênio! É o que é preciso gritar para as pessoas, liberem-no...cada um, é no fundo gênio, na medida

imprescindível, nenhum conhecimento terá valor se não for desenvolvido com uma postura crítica e principalmente criadora; será a criatividade empreendida no conhecimento das grandes idéias desenvolvidas ao longo da história que garantirá a efetividade do presente e ao mesmo tempo servirá de impulso para o futuro.

¹⁰⁹NIETZSCHE, op.cit., 2000,p.62

¹¹⁰DIAS, Rosa. Op. cit., ano,p.87

em que existe uma vez e lança um olhar inteiramente novo sobre as coisas. Multiplica a natureza, e cria por este novo olhar.

Desiludido, mas também sempre esperançoso Zaratustra, o anunciador do Super – homem diz: Em verdade, meus amigos eu caminho entre os homens como entre fragmentos e membros avulsos de seres humanos.

E o mais terrível para os meus olhos é que encontro o homem feito em pedaços...não saberia viver, se eu não fosse, também, um vidente daquilo que deve vir...eu caminho entre os homens como entre fragmentos do futuro: daquele futuro que descortino. E isso é tudo o que aspira meu poetar: juntar e compor em unidade o que é fragmento e enigma e horrendo acaso¹¹¹

É dentro desse contexto que a história ocidental européia pode ser descrita como um processo de desvalorização dos valores supremos, entendida como niilismo que ao ser acompanhado revela uma gênese, um transcurso e um acabamento e por suas características, concebida como história de uma decadência. História de forças reativas que depreciaram profundamente a vida e que levaram o homem ao niilismo. A moral para o filósofo foi o fio condutor que levou a lógica do niilismo em suas diversas configurações.

Pelo tamanho da tarefa que então se apresentava Nietzsche pode afirmar que o homem do futuro é um projeto que se desenha lentamente; para um novo fim necessita-se de um novo meio, este rebento do futuro se arrisca por mares nunca antes navegados e com frequência naufraga e cai. A grande saúde, não é algo que apenas se tem, mas algo que freqüentemente se conquista. A condição para a grande saúde é estar vez por outra enfermo. Este novo homem, após adentrar todos os quadrantes dos antigos ideais, que refutou tudo que até aqui se chamou santo, bom, divino; não poderá mais se satisfazer com o homem atual. Tudo o que até agora significou, os mais altos valores, agora significa senão perigo e

¹¹¹NIETZSCHE, op. cit.,2000.p.171.

declínio. No entanto, tudo é ainda muito prematuro, este futuro ainda não foi provado, se necessitamos de um meio para este novo fim, este meio ainda precisa ser pacientemente criado, pois a nossa carne foi ferida e nosso sangue contaminado. *Nós, os homens de agora, começamos justamente a formar, elo a elo a cadeia de um futuro sentimento bastante poderoso - nós mal sabemos o que estamos a fazer.*¹¹²

Mas, Nietzsche entende que a tarefa de favorecer a partir da problematização e da crítica a aurora de um novo homem e ver na prática sua efetivação, vai custar ainda muita dor e muito sangue. *Ele reconhece que até agora o povo venceu ou 'os escravos', ou a 'plebe', ou o 'rebanho', ou como quiser chamá-lo...os senhores foram abolidos; a moral do homem comum venceu.*¹¹³

Deixa claro, em alguns momentos de suas reflexões, que a humanidade se encontra ainda tentando entrar no segundo momento. Superando o primeiro, caracterizado pela alienação, pela veneração, e pela aceitação de tudo que é mais pesado, a humanidade se encontra então ainda no deserto que todas as rupturas causou, na solidão de quem se despediu de tudo que era confortável, mas medíocre. O terceiro momento é ainda o grande desafio, esse desafio por vezes parece relativizado em vista da grande batalha que pressupõe.

*A transição para a humanidade futura, o prenúncio da aurora distante, de uma felicidade poderosa e de uma riqueza inesgotável passam a ocupar sempre mais o segundo plano, pois a tarefa mais imediata seria a de consumir o declínio do homem moderno de se distanciar do seu horizonte de valores.*¹¹⁴

¹¹²NIETZSCHE, op. cit., 2001,p.337.

¹¹³NIETZSCHE, op. cit.,1998.p.28. Tem em vista também os grandes equívocos, nos quais a sociedade de sua época se encontrava.

¹¹⁴ ARALDI, op. cit.,2004.p.288.

O que Nietzsche percebe é que: o que ele vê como grande expressão da decadência moderna é encarado quase sempre como “progresso”. Neste sentido a morte de Deus além de não ser admitida como acontecimento irreversível, assim como a grande tarefa humana que ela pressupõe, é ignorada pela humanidade que estaria ainda submersa em valores morais.

A humanidade certamente ainda está tremendo frente à travessia, defronte o perigo da transição, olha para trás e se sente insegura, incapaz de dar o salto necessário para a outra margem. Não são raras as vezes em que Nietzsche fala de sua tão grande solidão em defesa do que parece só ele consegue ver. Julga-se numa luta incomum na construção da casa do Super-homem.

No prólogo do Zarathustra sonha ver chegar o dia do grande desprezo, momento em que a felicidade do homem moderno e mediano se transformará em náusea, do mesmo modo que a sua razão e a sua virtude. A razão do homem moderno não cobiça o saber, por isso deve ser denunciada, assim como o que considera virtude, ou seja, nada mais que mesquinhas satisfações. Na quarta parte do prólogo do *Assim Falou Zarathustra* Nietzsche parece reconhecer a conseqüência do peso de sua tarefa, assim como de todos aqueles que contribuíram para a desejada superação do homem. Fala do anunciador do Super-homem como aquele que perece após anunciar, como se as exigências de tão grande tarefa tivesse lhe exigido a própria vida. *Amo todos aqueles que são como pesadas gotas caindo, uma a uma, da negra nuvem que paira sobre os homens: prenunciam a chegada do raio e perecem como prenunciadores*¹¹⁵.

Para tão grande feito é preciso distanciar-se de tal forma dos valores modernos, da moralidade européia que se possa imaginar na mais alta das torres. Com dois objetivos

¹¹⁵ NIETZSCHE, op. cit. 2000,p.40.

principais: por ser condição necessária ao filósofo que mede, que investiga, que compara; pois para ver toda a cidade é preciso sair da cidade, mas principalmente, para nossas avaliações não serem preconceito dos preconceitos, é preciso atingir uma posição fora da moral. Para parafrasear o filósofo, estar além do bem e do mal. Nietzsche considera a moral européia como uma soma de imperiosos juízos de valor que nos foram transmitidos na carne e no sangue. Mas será que estar fora é possível? Estar além do bem e do mal? ele pressupõe que é preciso algumas condições, das quais a principal é o quão leves ou pesados nós somos,

é preciso ser muito leve a fim de levar sua vontade de conhecimento a uma tal distância e como que acima do seu tempo, a fim de criar para si olhos que abarquem milênios e, além disso um céu puro nesses olhos...um homem de um tal Além que quer ele próprio avistar as supremas medidas de valor de seu tempo, necessita antes “superar” em si próprio esse tempo..¹¹⁶

No terceiro capítulo do seu livro *Nihilismo, Criação e Aniquilamento* Claudemir Luís Araldi ao investigar profundamente essas questões sinaliza, usando a parábola das três transmutações que está no prólogo do livro *Assim Falou Zaratustra*, que a transmutação do leão em criança é apenas nomeada e apresentada por Nietzsche a partir de Zaratustra, como algo realizável. Entretanto, a menção breve a esse desenvolvimento do espírito apesar do tom afirmativo e conclusivo, encerra lacunas, tensões e impasses. No prólogo do Zaratustra a travessia do niilismo permaneceria ainda em aberto, sinalizando que o além do homem não é uma suprema efetividade, mas um anseio, uma visão distante. Segundo Araldi essas tensões são percebidas na fase final da produção do filósofo, significando muito mais um recuo do que uma sustentação de suas antigas convicções e esperanças. A quarta parte do Zaratustra carregaria assim uma estrutura e atmosfera diferente das demais.

¹¹⁶ NIETZSCHE, op. cit.,2001, afor. 381.

O autor mostra, ao longo de sua pesquisa, que vários limites e entraves são postos para o próprio filósofo na boca de personagens aparentemente adversários ou estranhos. Considera ainda que na quarta parte da obra é possível perceber que na fala do adivinho, da sombra e do feiticeiro, não se trata apenas de questionamentos extremos à tarefa de criação do além do homem, mas de questionamentos latentes de Nietzsche. Nesse sentido entende que em vez de um aprofundamento da afirmação incondicional do mundo mediante o pensamento do eterno retorno, o que acontece é de fato um recrudescimento do niilismo. Há um questionamento se Nietzsche não sucumbe à tentação metafísica de ir além dos limites do humano, no sentido próprio da vontade criadora, para além dos limites do humano. Vejamos a passagem em que a sombra de Zaratustra coloca tal problema:

*Um viandante sou eu, que, já desde muito, te acompanha pegado aos teus calcanhares: indo sempre caminho, mas de nenhum lugar e, tampouco, de casa, que não tenho; de modo que, realmente, para o eterno judeu errante pouco me falta, salvo que não suou nem eterno nem judeu. Como? Terei sempre de estar a caminho de nenhum lugar? Remoinhado por todos os ventos, erradio arrastado por aí? Ó Terra demasiado redonda te tornaste para mim!*¹¹⁷

Na seção “Entre as filhas do Deserto”, da quarta parte, há o lamento da sombra em perceber que não logra sucesso no esforço de abandonar a velha, nebulosa úmida e melancólica Europa, pois apesar de seu esforço para libertar-se de todo o moralismo típico do europeu, se vê ainda presa desses valores.

Deste modo, na quarta parte e nos escritos desse período Nietzsche não mais deveria ver o niilismo como uma passagem, um pequeno prelúdio, ou um estágio transitório. Neste sentido, o além do homem talvez tenha sido, apenas o poema de um poeta, de Nietzsche/Zaratustra. E se assim for, não haveria então diferença entre a criação do além do homem e as criações metafísicas. Se nas três primeiras partes da obra mais

¹¹⁷ NIETZSCHE, op. cit., 2000, p. 320.

afirmativa, Nietzsche dá mais ênfase ao eterno retorno e ao anúncio do além do homem enquanto superações do grande cansaço niilista, na quarta parte a profecia do niilismo abalaria seus pensamentos e anseios criativos anteriores. O recuo de Nietzsche/Zaratustra de engendrar o além do homem seria em razão do auto-questionamento nietzschiano do estatuto da criação e da afirmação do eterno retorno: à medida que o filósofo passa a compreender o eterno retorno enquanto niilismo, ou seja, como pensamento e experiência não criativos. Há um desencantamento do além do homem, e uma não mais afirmação convincente que o eterno retorno seria a suprema e irrestrita afirmação de si mesmo e do mundo, como superação do niilismo e que ao contrário, o eterno retorno representaria o recrudescimento e a radicalização do niilismo como um eterno jogo do sem sentido, como o perigo de se deter na ausência total de sentido. Para Giorgio Colli, por exemplo, o retorno de Nietzsche para si próprio (para a narrativa autobiográfica) em sua fase madura e de suas últimas produções como exemplo em *Ecce Homo*, não significa que ele já tenha atingido a maturidade de sua filosofia teórica. Haveria, mais precisamente, um esgotamento dos recursos teóricos, e por isto abandona, no final de agosto de 1888, o projeto da vontade de potência, a repulsa por conceitos abstratos ou elaborações teórico-argumentativas. Nesse momento, Nietzsche teria chegado a um ponto morto: da solidão e da disposição melancólica desta época.¹¹⁸

Se Nietzsche recrudescer no final de sua produção filosófica por ser engolido pela profundidade das próprias questões que colocava, sendo vítima do que ele mesmo em alguns momentos intuiu, ou seja, do perigo que se expõe aquele que ousa se aprofundar no que é mais terrível e assombroso da “verdade” do mundo, Heidegger vai dar outra explicação acerca da superação nietzschiana do niilismo; para Heidegger não se trataria ainda da

¹¹⁸ ARALDI, op. cit., 2004, p. 426.

verdadeira superação. No escrito intitulado *A sentença nietzscheana Deus está morto*, num valioso trabalho sobre o tema do niilismo, assim como, da posição de Nietzsche frente ao tema, Heidegger descreve o que teria levado o filósofo a uma não superação de tal fenômeno.

Diante da importância de Heidegger no cenário do pensamento filosófico atual acreditamos ser importante e até indispensável fazer referência à sua tese sobre este tema. No entanto, no presente trabalho não podemos ir além do que esta referência. É que a grande importância da interpretação de Heidegger concerne a sua crítica aos conceitos pertencentes à história da metafísica, conceitos estes já tratados por Nietzsche, mas que diverge muito de outras interpretações do tema em questão, e que se tornaram a base em que esta dissertação foi estruturada e desenvolvida¹¹⁹. Eugen Fink por exemplo, embora considerando Nietzsche vinculado a questão da metafísica trata do conteúdo de seu pensamento de maneira separada, ao contrário de Heidegger que coloca toda a questão do niilismo na dependência da metafísica. Nesse sentido dizemos apenas que Heidegger considera que Nietzsche é o pensador que faz o tema ganhar nitidez e incita à necessidade que seja aprofundado mediante uma digressão profunda e cuidadosa. Mas a importância de tal digressão se refere principalmente à pergunta pela posição fundamental do filósofo no interior da história da metafísica ocidental. Pensar com Nietzsche seria importante porque, embora ele não atinja a essência do niilismo, seria mesmo assim o pensador que trás à tona tal discussão e ao trazer a discussão vem junto a exigência de uma decisão. “*O nome*

¹¹⁹Numa perspectiva totalmente diferente, Nietzsche rejeita a metafísica e a concepção da filosofia fundada na tradição. A metafísica não é encarada de um ponto de vista ontológico, mas moral...a metafísica é tomada como um processo vital que Nietzsche avalia segundo o seu valor...Nietzsche não prova nem pesa as representações ontológicas da tradição metafísica por elas próprias, considera-as simplesmente como sintomas que indicam tendências da vida...o problema do ser é recoberto pelo problema do valor...a equação fundamental Ser = valor é o elemento específico da sua filosofia; não se pode subtrair-lo sem precisamente subtrair Nietzsche inteiro. FINK. Op.cit., 1988p.15

Nietzsche ocupa aqui o lugar daquilo que deve ser pensado: a metafísica como história do ser e o tempo histórico que ela determina".¹²⁰ Por isso diz Heidegger:

*Nietzsche não apenas teria levado a metafísica até a sua última possibilidade e por isso mesmo ainda se encontrava enveredado nas teias que pretendia superar, como também teria preparado a "passagem" para uma esfera nova, para uma outra forma de pensamento...Nietzsche se tornava próximo na medida em que a "passagem" que abriu, marca uma cisão (scheidung), um abismo (Abgrund), na história que passa a exigir uma "decisão" (Entscheidung)*¹²¹

O pensamento nietzschiano defende que com a morte de Deus e o fim dos valores supremos, a metafísica chega finalmente ao seu estágio final e que seu pensamento representaria o contra-movimento ante a metafísica. Para Heidegger, mesmo e ainda com Nietzsche a metafísica permanece a pressuposição impensada e insuperável das tentativas cegas de escapar do sem sentido através de uma simples dotação de sentidos¹²². Acredita e defende que é preciso buscar, além daquilo que se conseguiu exprimir nos textos filosóficos, o seu sentido não dito ou implícito. É que Heidegger vê em Nietzsche uma busca efetiva da superação do niilismo só até certo ponto, pois estaria ocultada pelo problema do ser que Nietzsche teria desprezado de forma tão veemente.

Heidegger defende que o pensamento ao longo da história humana foi pensado de modo metafísico como ser enquanto ente. Assim é que afirma:

*que o ente é pensado desde o início da história do pensamento ocidental em função do ser, de que a verdade do ser permanece, contudo impensada e enquanto experiência possível não apenas negada ao pensamento: ele é ininterruptamente tocado pelo acontecimento uno de que o próprio pensamento ocidental, e isso sob a configuração da metafísica como que sem saber encobre o acontecimento dessa negação.*¹²³

¹²⁰STEIN, op. cit.,2002.p.115.

¹²¹NUNES, Benedito. *O Nietzsche de Heidegger*.p.10

¹²²HEIDEGGER. op. cit.,p.471

¹²³HEIDEGGER. op.cit.2003.,474.

O pensamento nietzschiano para Heidegger é tão metafísico quanto o foi o de Platão e, sendo ele um pensador da metafísica, a ele a verdade do ser do ente também foi confiada. Por isso é enfático em questionar o contra-movimento que diz Nietzsche fazer à metafísica. Entende que, o que se volta, desta feita permanece velado para a metafísica e através dela o que nela e enquanto ela mesma propriamente acontece.¹²⁴

Para identificar os erros ou os entraves da tentativa nietzschiana de empreender um novo recomeço e o engendramento de um novo homem, Heidegger discorda pois de Nietzsche quanto à essência do niilismo e do seu lugar na história. Para Heidegger o niilismo é um movimento ainda mais fundamental do que pensou o próprio Nietzsche. Assim, apesar do termo ter se tornado usual no século XIX e em alguns lugares mais especificamente, ele não se reduz ao que é compreendido e apresentado explicitamente pelos seus autores¹²⁵.

Quando Nietzsche diz cortar relações definitivas com Deus enquanto correlato do mundo supra-sensível e sustentador do sensível não elimina de maneira alguma, o esquema fundamental de acordo com o qual a inserção de uma meta que alcança o cerne do supra-sensível domina a vida sensivelmente terrena¹²⁶. Heidegger quer fazer ver que no lugar da autoridade desvanecida de Deus e do âmbito doutrinário da igreja entra em cena a autoridade da voz da consciência e impõem-se a autoridade da razão¹²⁷.

¹²⁴ HEIDEGGER. op. cit. 2003 p.474

¹²⁵ ...ele não é apenas o produto de nações singulares, cujos pensadores e escritores falam propriamente de niilismo...o niilismo também não domina pela primeira vez lá onde o Deus cristão é negado...o niilismo é um movimento histórico não um ponto de vista ou uma doutrina qualquer defendidos por alguém. O niilismo movimenta a história, segundo um modo de um procedimento fundamental, quase absolutamente desconhecido no destino dos povos ocidentais. op. cit., p.480.

¹²⁶ HEIDEGGER, op. cit. 2003 p.482.

¹²⁷ O Nietzsche de Heidegger é a realização da filosofia ocidental como um todo, e em particular da filosofia moderna entendida como a forma de pensar na qual reside segurança no sujeito construído como vontade em

Para Heidegger o que quer que venha a querer se colocar no lugar do mundo supra-sensível, não passa de uma variação da interpretação teológico cristã nascida com Platão no começo da metafísica ocidental. E justamente por isso é vã a tentativa de resolver o niilismo e suas conseqüências fora do âmbito metafísico. Vale lembrar que o que Heidegger tem em vista como metafísica é uma esquematização fundamental do ente na totalidade, onde este é diferenciado em um mundo sensível e em um mundo supra-sensível e aquele é sustentado e determinado por este. Para Heidegger isto se deve tão somente a uma degenerescência sofrida pela essência do supra-sensível. A descrença do supra-sensível não é causa do niilismo, como quisera Nietzsche, mas sua conseqüência. Seria possível inclusive que o próprio cristianismo fosse senão uma conseqüência e uma conformação do niilismo¹²⁸

Haveria então, em Nietzsche, um suposto combate ao niilismo na medida em que o filósofo não desvenda a sua essência, ele teria tratado sempre conseqüências como causas. Isto é claro, acontece segundo Heidegger porque Nietzsche não considerou que o problema fundamental do niilismo tem de ser antes e ainda o problema metafísico, relativo à questão do ser. De modo que a essência do niilismo teria de ser pensado a partir da essência da metafísica enquanto a essência da questão do sentido do ser. E Nietzsche, a rigor, teria desprezado justo esta questão como tal. De maneira que se as manifestações do niilismo são sempre assumidas como se ele mesmo fosse um contra-movimento, permanecerá superficial e aparência de mudança. É neste sentido que Heidegger levanta a questão se Nietzsche toca e pode tocar com esse entendimento a essência do niilismo.

uma realidade de vontade, um sujeito cujo objetivo maior é o domínio e que vê o mundo como um meio ou posição à sua disposição. Lampert, Laurence Nietzsche's Teaching An Interpretation of Thus Spoke Zarathustra. Yale University Press: New Haven and London, 1986- Tradução nossa p.261/ 262.

¹²⁸ HEIDEGGER, op. cit. 2003 p.483.

Enfim consideramos que Heidegger ao se debruçar sobre o pensamento de Nietzsche o fez pela importância e a profundidade das questões que colocava. No entanto, este decerto, não é o momento para decidirmos sobre a questão de se Heidegger tem razão ao afirmar que Nietzsche de fato não faz o contra-movimento que afirmou fazer ao niilismo e se é ele o último metafísico como defendeu o filósofo. Por isso, embora considerando a importância de tais questões, o mais relevante e possível neste momento, é perceber o que foi plantado e o que pode vir à tona a partir de tais questões.

Na verdade, Nietzsche defendeu ao longo do seu pensamento, que consumir o niilismo era fundamental para a humanidade, propôs corajosamente a necessidade de acolher todos os seus efeitos, até os mais assombrosos e assumir radicalmente todas as suas conseqüências sem se render as tentações do niilismo reativo. O filósofo nos convoca a pensar na possibilidade de uma nova experiência humana. No entanto, superação do niilismo não pode significar em Nietzsche a idéia construída na modernidade de que a história do pensamento é a história de uma iluminação progressiva, de um desenvolvimento para o “melhor”, apesar de todos os recuos e de todas as estagnações.

A superação proposta por ele, quer dizer a superação do empobrecimento que se tornou a vida humana, defende mais precisamente, a superação da idéia de homem e de humanidade constituídos, e nos convoca a agir no sentido da criação da viabilização da possibilidade do homem do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da questão do niilismo significa arriscar-se no tratamento de uma questão cujos desdobramentos ainda estão longe de serem esgotados. De acordo com Franco Volpi, uma das maiores dificuldades que se apresenta é a de estarmos inseridos neste movimento, neste tempo de crise, neste tempo niilista, o niilismo impregna o próprio ar que respiramos. No entanto, o que sempre pareceu mais urgente a Nietzsche foi passar da crítica e do diagnóstico negativo não a solução, mas a uma nova aurora para a humanidade. Após diagnosticar a condição do homem moderno, percebendo-o como niilista, o filósofo procurou pontuar em que estágio doentio o homem se encontrava para então poder mensurar a que tal estado nos concerne e a que opções e atitudes nos convoca.

Concordamos com Heidegger quando se refere a Nietzsche como o representante ilustre de uma época ou como ele mesmo diz um representante epocal. Nietzsche é um porta voz das dores do mundo ou mais precisamente das nossas dores.

Talvez a nossa questão inicial, saber se Nietzsche teria ou não superado o niilismo passa agora para o segundo plano. Parece-nos que o mais importante não é discutir ou chegar à conclusão sobre a superação ou não de um pensador da estirpe de Nietzsche, ele nem sequer teria qualquer obrigação neste sentido. Seu mérito já estaria justificado pela profundidade com a qual coloca tão caras questões, sem, no entanto exigir dele uma vivência e esgotamento das mesmas. Achamos pertinente de todo modo as conclusões a que chegou Claudemir Luis Araldi ao defender a tese do recrudescimento de Nietzsche frente à superação do niilismo. Mas como ele mesmo sugere, talvez estejamos diante de uma daquelas situações apontada por Kant, a saber: que o homem pode colocar questões que ele mesmo não possa resolver e acabe sendo tragado por elas.

Heidegger por sua vez, ao considerar a importância de Nietzsche, enquanto pensador que exige uma decisão, por desnudar a situação do homem sem Deus, sem verdade e sem caminho, a nosso ver não nos coloca numa melhor situação. Ao defender que todo erro se encontra no motivo do desencontro entre ser e ser-aí, assim como as tentativas de nos oferecer uma saída, nos parece um tanto quanto indecifráveis. Entendemos que de certo modo, o caminho sinalizado por Nietzsche ainda que difícil e perigoso como o próprio Heidegger sinaliza, por estimular uma exacerbação da subjetividade que desemboca num antropocentrismo desenfreado, procura resolver a questão da possibilidade de realização humana no próprio homem, na medida em que o reconhece como o único capaz de tentar viabilizar esse caminho. Ficaríamos então entre a possibilidade de um homem ainda não decifrado de Nietzsche e o ser que não se desvela para não anular o homem,

embora a sua mais suprema realização esteja na decifração do mesmo. O descaminho, talvez seja mais facilmente explicado em Nietzsche que em Heidegger. Mas, de todo modo, se estamos próximos demais da crise, é aqui só o momento, de sinalizar que temos ainda e sempre muito o que pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia** 2.ed. Trad. Alfredo Bose e Maurice Cunio, São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARALDI, Claudemir Luís. **Nilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Notas sobre Política nietzschiana**. Mensagem recebida por amorim@sebrago.com.br em abr.2003.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. São Paulo: Scipione 2. ed 1993

FEITOSA, Charles. Nietzsche e os Gregos- Arte, memória e educação. Rio de Janeiro: De Paulo- 2006

FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche** trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto 2ª ed, Lisboa, 1988 Editora Presença.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Nietzsche & Para Além do Bem e do Mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a Sentença Nietzscheana Deus está Morto. **Natureza Humana** 5(2):471-526.jul-dez.2003

HEIDEGGER, Martin. São Paulo: Forense Universitária. 2007

NUNO Nabais. **A Metafísica do Trágico**. Portugal: Relógio d'água. 1997.

MACHADO, Roberto . **Zaratustra: Tragédia Nietzscheana**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MACHADO, Roberto. Cabral de Melo. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém** 11ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Fragmentos Póstumos** Trad. Oswaldo Giacóia Júnior. 2ª ed. UNICAMP, 2002..

_____. **Genealogia da Moral: Uma Polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Nietzsche contra Wagner: Dossiê de um Psicólogo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo.** Trad. J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral.**

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como Filosofar com o Martelo;** trad. Marco Antônio Casa Nova –Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2000 .

_____. **Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém.** Trad. Mário da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do Bem do Mal.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Obras Incompletas.** Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Ecce Homo: Como Alguém se torna o que é.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Escrito sobre História.** Trad. Noéli Coreia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2005.

_____. **Fragmentos do Espólio.** Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: UNB, 2004.

_____. **Fragmentos Finais.** Trad. Flávio R. Koth. Brasília: editora universitária, 2002.

_____. **O Anticristo.** Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

_____. **Escritos sobre Educação.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro. São Paulo: Loyola, 2003.

NUNES, Benedito. **O Nietzsche de Heidegger.** Rio de Janeiro: Pazulin 2001

OLIVEIRA JÚNIOR, José Amorim. **Nietzsche: Super – Homem e Superação- Uma Abordagem Política.** Goiânia: Alternativa, 2004.

PECORARO, Rossano. **Nilismo e (Pós) Modernidade: Introdução ao pensamento “fraco” de Gianni Vattimo.** Rio de Janeiro: PUC, 2005.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. **Nietzsche e os Gregos: Arte e “mal-estar” na Cultura.** 2 ed. São Paulo: AnaBlunne, 2003.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VAN BALEN, Regina Maria Lopes. **Sujeito e identidade em Nietzsche.** Rio de Janeiro: Vapê 1999 .

VOLPI, Franco. **O Nilismo.** Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.